

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL

JOSIENE CAMELO FERREIRA ANTUNES

APRISIONAMENTO E LIBERTAÇÃO FEMININA ENTRE VERSOS
E PROSAS

GOIÂNIA
2019

JOSIENE CAMELO FERREIRA ANTUNES

**APRISIONAMENTO E LIBERTAÇÃO FEMININA ENTRE VERSOS E
PROSAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Serviço Social, no Programa Stricto Sensu em Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

GOIÂNIA
2019

A636a Antunes, Josiene Camelo Ferreira

Aprisionamento e libertação feminina entre versos e prosas / Josiene Camelo Ferreira Antunes.-- 2019.
95 f.: il.

Texto em português, com resumo em inglês
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Escola de Ciências Sociais e da
Saúde, Goiânia, 2019

Inclui referências

1. A cor púrpura (Filme). 2. Mulheres no cinema. 3.
Mulheres - Condições sociais. 4. Feminismo. 5. Mulheres
maltratadas. I.Rocha, Maria José Pereira. II.Pontifícia
Universidade Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação
em Serviço Social - 2019. III. Título.

CDU: Ed. 2 -- 364.63-055.2(043)
305-055.2(043)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Josiene Camelo Ferreira Antunes

Aprisionamento e libertação feminina entre Versos e Prosas

Dissertação de Mestrado em Serviço Social, apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Serviço Social defendida em: 25 de Março de 2019 e aprovada com nota _____ pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Maria José Pereira Rocha (Presidente)

Dra. Altina Abadia da Silva (UFG / Membro)

Dra. Maria Conceição Padial Machado (PUC - Goiás)

Dra. Eliane Marques de Menezes Amicucci (Suplente)

Dedico este trabalho,

Às mulheres que de uma forma ou outra se sentem aprisionadas.

Na realidade, a nós mulheres que todos os dias nos deparamos com diversos enfrentamentos.

Superar as correntes visíveis e invisíveis,
Que deixaram marcas.
Não sei ao certo se já cicatrizaram,
Mas, seguir enfrente se faz necessário.
Superar o não dito e nem escrito,
Somente expressado.
A expressão revela mais que a fala.
Sobre o viés de superação...
Faz-se necessário libertar os fantasmas do
aprisionamento,
Ora do corpo,
Ora da alma,
Ora da sociedade.
Somente a superação,
É capaz de libertar uma mulher aprisionada.

Josiene Camelo Ferreira Antunes

AGRADECIMENTOS

Certo dia, resolvi me desafiar... E nesse desafio, encontrei inúmeras pedras pelo caminho. Pedras essas que ora me fizeram chorar, em outros momentos me fizeram persistir. Houve situações que precisei respirar esperança, necessitei de fôlego, de injeção de ânimo e coragem para continuar. Tropecei, caí e levantei... A cada recomeço aparecia outros obstáculos. E como se ainda fosse pouco, as dificuldades se revezavam nesse processo de busca do saber. No percurso da caminhada precisei me desconstruir para me reconstruir.

Nessa nova etapa, ressalto que conheci pessoas incríveis. Pude perceber, que assim como eu, todos estavam no mesmo barco, buscando seus ideais, tinham sonhos, esperanças, fragilidades e incertezas. Pessoas que compreendiam esse momento de tortura... Apoiaram e me ajudaram com palavras de incentivos e gestos de carinho e zelo.

O difícil não é apenas provar para mim mesmo que sou capaz, é ter que provar para os outros que posso ser capaz. Para conquistar esse sonho percorri caminhos considerados demasiado íngremes.

Provei e superei o meu próprio limite físico, mental, psicológico e intelectual. Com tantos momentos tortuosos, perdi as contas de quantas vezes me peguei pensando... Será que vale a pena passar por tanto sofrimento? O que estou querendo provar? O que estou querendo comprovar? O que realmente eu quero? A cada pergunta, minha cabeça fazia um embaralhado.

A ansiedade quase me levou a depressão, precisei me recolher por alguns momentos em meu quarto escuro e descansar a mente. Na realidade estava me refugiando, escrever não é fácil, é uma tarefa árdua que necessita de dedicação.

Ao cair da noite, quando tudo se silenciava eu viajava em minha mente para tentar produzir algum parágrafo. A inspiração pela escrita surgia quando colocava um fundo musical para me relaxar.

Era nas madrugadas, que minha alma se aquietava e conseguia acalmar as batidas do meu coração e organizar os pensamentos que surgiam em minha mente como uma avalanche de idéias, era preciso serenidade para separar o empírico do científico, igual ao joio e o trigo.

Escrevi esse agradecimento em uma noite de reflexão, superação é o meu lema. Sou como a fênix, renasço das cinzas. Recordando, o percurso que tive que passar para chegar a esse momento de realização, percebo que tudo valeu à pena. Cada lágrima derramada, cada humilhação que necessitei engolir.

Em alguns momentos, até me arrisquei filosofar para me incentivar a continuar. Dizendo ditados populares: Sou aroeira, enverga, mas, não quebra. Com tantos altos e baixos tive a

certeza que o cair é do Homem e o levantar vem de Deus. Então, me refazia e recomeçava.

Na realidade foi enriquecedor essa experiência um tanto quanto sofrida, me fez crescer como pessoa e como profissional. O ser humano é capaz de conquistar o que se propõe a realizar.

A Deus toda honra e toda Glória;

A Nossa Senhora de Fátima por ter passado na frente em todos os momentos;

Aos meus pais: Márcia e David, pelo amor incondicional, dedicação, força e incentivo.

Por sempre acreditarem que sou capaz, obrigada por fazer do meu sonho o nosso sonho;

Ao meu marido Tito Lívio, mesmo não compreendendo respeitou minha decisão e teve a paciência necessária;

Aos meus filhos Lara Maria e João Vitor razões das minhas superações, vocês ressignificam a minha vida

Aos meus avôs Joventhide e Salviano exemplos de caráter, fibra e amor ao próximo;

Aos meus três irmãos Leide Laura, Davidson e Joycemara que compreenderam a minha ausência nesse processo;

A minha tia Marcilene que sempre me apoiou e me amparou financeiramente;

Aos meus tios Joel e Enedir pelas orações e palavras de incentivo;

Aos meus primos Gisele, Leandro, Mayara e Wyara pelo zelo e carinho de sempre;

A tia Del e a amiga Fernanda pelo amor gratuito;

A amiga Milena Roberta que vibrou com minha conquista;

As amigas Marcela Araújo e Laura Euflásia pela amizade de todas as horas;

A amiga Zenit por me incentivar mesmo quando eu não acreditava que seria possível

As Amigas Giselma e Sandra Mara por dividirem momentos inexplicáveis;

As coordenadoras das Unidades Básicas de Saúde que sempre que possível me liberaram para concretizar esse sonho;

As amigas da UBS Boa Esperança Edizilda, Vani, Josiene, Tatiane , Luciana e Priscila por sempre me apoiarem;

A equipe do coração NASF Juliana, Déborah, Lana Magna, Ieonalla, Jacira, Deuza, Tatiane, Mariana, Fausto e Paulo vocês alegraram os dias difíceis;

Aos médicos Felipe, Ivet, Ana Paula e Joy por cuidarem de mim em momentos de oscilações do meu organismo;

A equipe do âmago da alma HUAPA Daústria, Gleição, Juliana, Waleska, Ana Paula; Marta, Vanessa e Taís, nessa reta final vocês compartilharam todas as minhas incertezas;

As amigas e mestres Anna Carolinna e Elisângela Felix por me guiarem nesse percurso;

A amiga Daniella Kenedy que sempre disponibilizou o seu tempo para me nortear;
As comadres Elisabeth, Leandra e Marcela pelo apoio em oração;
A amiga Rosilda que sempre escutou as minhas lamentações nessa etapa;
A secretária do mestrado Alessandra que durante o percurso de um ano me equilibrou espiritualmente com os ensinamentos;

A coordenadora professora Dra Denise por fazer parte deste projeto;
As professoras Doutoradas da banca Altina, Maria Conceição e Eliane pela disposição e dedicação em fazer parte da minha banca;

As professoras do Mestrado Maísa, Lúcia, Sandra e Conceição em contribuírem com minha formação;

Aos amigos do mestrado pelos momentos que dividimos juntos;

As mestrandas AnnaTerra, Edar, Elvira e Maria gratidão é pouco para agradecer todos os momentos que passamos, pela disposição de cederem os ombros para que eu pudesse chorar, pelos ouvidos para escutarem minhas angústias e pelos conselhos. Contudo, meus dias no mestrado se tornaram mais leves com vocês ao meu lado;

A FAPEG pelo incentivo financeiro;

Finalmente, a minha orientadora Maria José carinhosamente Zezé. Obrigada por aceitar percorrer comigo esse caminho árduo, sofrido e ao mesmo tempo prazeroso. Obrigada pelas orientações e pelos puxões de orelha. Obrigada por tirar as vendas dos meus olhos, possibilitando enxergar por uma ótica jamais compreendida.

Contudo, agradeço aos que acreditaram e aos que duvidaram;

Agradeço o talvez, quem sabe e a certeza;

Agradeço o processo do princípio ao fim;

Agradeço ao amável e ao arrogante;

Agradeço a luz e a escuridão;

Agradeço o aprisionamento que me impulsionou a possível libertação;

Agradeço o verso e a prosa.

RESUMO

Esta dissertação é o resultado de um projeto de pesquisa que eclode com a experiência pessoal e profissional. Seu objeto de estudo é estratégias de redescrição do filme “A Cor Púrpura”, que nasce na problemática de questionar como se apresenta o silenciamento e aprisionamento feminino? Se propõe a investigar se há ou não um processo de libertação das vozes silenciadas e que elementos sinalizam esse processo na obra. A proposta é promover uma discussão entre Serviço Social e as intersecções de gênero, aprisionamento feminino, libertação feminina, narrativas, dentre outras. Foi escolhido o filme: A Cor Púrpura, para o aprofundamento dessas questões. Ao propor o debate entre o filme que aborda sobre a mulher negra que é submissa primeiramente ao pai e depois ao marido, essa mulher é violentada fisicamente, espiritualmente e fisicamente. O tema principal a ser analisado tem como base a voz silenciada da personagem feminina Celie, essa voz se compreende como aprisionamento vivenciado de opressão no decorrer das fases da vida como: infância, adolescência e vida adulta. Essa pesquisa objetiva externar sobre as expressões de aprisionamento feminino, relacionando com o filme para assim explanar as vozes silenciadas na narrativa.

Palavras - chave: Mulher, Aprisionamento Feminino, Libertação Feminina e Narrativas.

ABSTRAT

This dissertation is the result of a research project that breaks with personal and professional experience. Its object of study is strategies of redescription of the film "The Purple Color", that is born in the problematic of questioning how is presented the silencing and feminine imprisonment? It proposes to investigate whether or not there is a process of releasing silenced voices and what elements signal that process in the work. The proposal is to promote a discussion between Social Service and the intersections of gender, female imprisonment, female liberation, narratives, among others. The film was chosen: The Color Purple, for the deepening of these questions. In proposing the debate between the film that addresses the black woman who is submissive first to the father and then to the husband, this woman is violated physically, spiritually and physically. The main theme to be analyzed is based on the silenced voice of the female character Celie, this voice is understood as experienced imprisonment of oppression in the course of the phases of life as: childhood, adolescence and adult life. This research aims to express the expressions of female imprisonment, relating to the film to explain the silenced voices in the narrative.

Key words: Women, Female Imprisonment, Women's Liberation and Narratives.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –Leolinda ao centro da praça 1917	31
Figura 2-As deputadas brasileiras "lobby do batom"	34
Figura 3-As irmãs nettie e celie brincando e cantando	47
Figura 4 - Analogia entre Celie / Nettie – Sombra e Luz.....	52
Figura 5 -A separação das irmãs	53
Figura 6 - O beijo	57
Figura 7 - A libertação do Sorriso	58
Figura 8- A coragem interior.....	62
Figura 9 - Celie enfrenta Albert	64
Figura 10 – Transgressão das irmãs.....	72

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 APRISIONAMENTO E LIBERDADE	19
1.1 MULHER E PRISÃO	24
1.2 MOVIMENTO FEMINISTA.....	31
1.3 VOZ E SILÊNCIO.....	42
2. AS RUPTURAS E AS TRANSFORMAÇÕES DE VIDA NAS NARRATIVAS DO FILME A COR PÚRPURA	44
2.1 REDESCRIBÇÃO DO FILME A COR PÚRPURA	46
3. TECER A LIBERDADE.....	66
3.1 A TRANSFORMAÇÃO DE CELIE	68
3.2 WOMANISMO EM A COR PÚRPURA.....	73
3.3 ENTRE VERSOS E PROSAS	75
4. CONCLUSÃO.....	78
REFERÊNCIAS	84
ANEXOS	95
ANEXOS	95

INTRODUÇÃO

A mente que se abre a uma nova idéia nunca mais volta ao seu tamanho original.
(Albert Einstein)

O ingresso ao Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Serviço Social foi pleiteado pelo tema: A sexualidade da Mulher Apenada¹. A motivação surgiu mediante aos desafios impostos em diversos contextos na prática profissional como Assistente Social na efetivação dos direitos humanos, sociais e de cidadania das custodiadas do Sistema Prisional. Nesse primeiro momento houve a necessidade de reflexão sobre a experiência sexual vivenciada pelas custodiadas dentro da penitenciária feminina Consuelo Nasser em Aparecida de Goiânia – GO.

Em um segundo momento, defrontei – me com a indispensabilidade de repensar esse objeto de estudo, pois, me deparei com uma situação frustrante em minha vida pessoal, pois, o que era para ser um sonho se tornando realidade quase se tornou em aprisionamento do meu ser, pois, no mesmo ano que estava cursando o mestrado me inscrevi para uma Pós Graduação na Universidade Federal de Goiás- UFG. Ressalvo que era um dos meus desejos enquanto profissional e por que não dizer superação.

Particpei de todo o processo de seleção e para minha surpresa fui contemplada, era uma chance ímpar ser discente de uma universidade federal, pois, nem todos têm essa oportunidade. Esse resultado me deixou feliz, me senti como uma criança ganhando o primeiro presente. Estava radiando felicidade, mas, essa alegria quase foi ofuscada pela reação do meu marido. Ao compartilhar sobre essa chance que estava surgindo em minha vida acadêmica, ele teve a pior reação que alguém poderia esperar. Para minha surpresa e espanto, ele me disse: Parabéns! Mas, na realidade não era o que ele gostaria de ter dito. O corpo e olhar dele expressaram o oposto, sem titubear em fração de segundos após o seu comentário eis que me fez questionamentos. Quando você vai parar de estudar? Quando você terá tempo para sua família? Minha resposta foi o silencio, nesse momento me senti aprisionada.

Após o diálogo, me arrumei e fui para o mestrado. No percurso de minha casa até a universidade fui refletindo sobre o ocorrido e sobre as interrogações. Quando adentrei a sala para assistir a aula da disciplina Epistemologia Feminista houve uma análise do filme sufragista, naquele momento a disciplina citada me abrirá novos horizontes e possibilitava

¹ Que foi condenada a cumprir alguma pena; que foi punida ou castigada. Conforme o dicionário Aurélio

novas vertentes antes jamais pensadas. Senti-me prisioneira, e por esse sentimento necessitei repensar o meu objeto de pesquisa. Conversei com a orientadora sobre a insatisfação de analisar o aprisionamento sobre a ótica de mulheres infratoras. Conclui-se que o tema em questão é uma temática muito refletida. Mas, então o que propor que não houvesse sido discutido? Eis que surge uma inquietação e ao mesmo tempo uma possibilidade, apresentando uma nova ótica sobre o aprisionamento feminino sobre o prelúdio da reflexão do filme: A Cor Púrpura.

No que tange o aprisionamento feminino refere-se às diversas formas de prisão², a compreensão sobre a temática é plural. Pois, há diversas formas de aprisionar uma mulher levando em consideração seu convívio social, econômico, religioso e cultural.

Essa análise tem como objeto o estudo das estratégias de redescrição³ do filme “A Cor Púrpura”. A redescrição constitui-se em uma estratégia narrativa que possibilita a condução para a autonomia, a autocriação, o constante construir e reconstruir, escrever e autoescrever que de forma solidária, impulsiona atores sociais envolvidos no enredo.

A busca por novos significados permitiu encontrar não apenas um mundo melhor ou ideal, mas novos e melhores mundos jamais sonhados. Segundo Richard Rorty (2005), em seu livro “Pragmatismo e Política”, devemos utilizar a imaginação, pois é com ela que se torna possível redescrever a nós, aos outros e ao mundo. Sendo assim, com base na classificação das estratégias de redescrição, tendo como ponto comum a narrativa, foi possível encontrar no filme “A Cor Púrpura” a imaginação para o debate do tripé aprisionamento, libertação e educação, bem como para sua redescrição.

O tema principal a ser analisado tem como base a voz silenciada da personagem feminina Celie, essa voz se compreende como aprisionamento vivenciado de opressão no decorrer das fases da vida como: infância, adolescência e vida adulta. A escolha da obra e do tema justifica-se pelo contexto vivenciado pela protagonista da narrativa. Afirma que tal filme em si não tem sentido sem uma análise crítica, já que ele carrega sinais marcadamente históricos. Também, pode ser inserido num contexto estudantil específico, ganhando novos sentidos e conhecimentos sobre aborto, poder, patriarcado, machismos, papel da mulher na sociedade, entre outros pontos relevantes.

² Há diversas formas de prisões tais como: cultural, psicológica, econômica e social www.pastoralcarceraria.org.br, acessado em 14.02.2019.

³ Redescrição como interpretação que norteia caminhos de análises ao optar pela possibilidade da filosofia pragmatista em contar e recontar fatos utilizando a prática redescritiva como atividade imaginativa.

O filme *A cor púrpura* foi baseado no livro da escritora estadunidense Alice Walker, publicado em 1982. Tal livro ganhou o prêmio Pulitzer de 1983 e o American Book Award e foi filmado por Steven Spielberg em 1985. A narrativa do filme localizada em uma cidade do estado da Georgia (sul dos Estados Unidos) e se desenrola a partir de 1906.

Escrever e/ou falar sobre o universo feminino não é uma tarefa nada fácil, já que não podemos negar as diversas vozes que compõem o feminismo, o que o leva a significar sempre diferentes coisas para diferentes pessoas. E, por mais que saibamos que a luta feminina em busca de mudanças na sua posição social tenha provocado a mais significativa revolução cultural do século XX, a contradição que existe entre a posição alcançada por elas na sociedade contemporânea e sua respectiva representação, faz-se presente em quase todas as áreas sociais como um reflexo das relações de gênero, relações de desigualdade entre os seres humanos, construídas socialmente, e determinadas histórica e culturalmente, representando, assim, discursivamente a condição da mulher como o reflexo de uma visão conservadora e discriminatória, formas de silenciamento e exclusão (PIRES, 2000, p. 01).

O silenciamento e a exclusão ocasionada no ser feminino à leva as prisões e essa é uma forma de violência. Presas pelos valores, presas pela sociedade, presa na condição carcerária. E ao mesmo tempo são espontâneas, liberta em seus pensamentos, liberta em suas emoções (FERNANDEZ, 2001).

Diante disso, explanar-se-á respeito das opressões sofridas pela protagonista no decorrer da história relatada no filme, pontuando o embate travado por ela para se libertar de um pai e de um marido que a oprime e a violenta. Em diversos momentos ímpares da história a personagem manifesta a necessidade de se libertar da condição silenciada, buscando ter voz e visão em uma sociedade patriarcal. Opressão é uma forma de violência.

Portanto, a violência é a ação de um sujeito que, ao subjugar outro, seja pela força física, pelo assédio moral ou sexual, obriga-o a fazer algo que por sua livre escolha não faria. A violência é um ato desprovido de humanidade, pois ao impor a um terceiro a condição de objeto, o sujeito dessa ação também se desumaniza.

Nessa perspectiva *A Cor Púrpura* possibilita uma reflexão pessoal e coletiva que extrapola os limites das palavras. Apresenta o silêncio que fala além... Dispensando a palavra. Há também aquelas ditas de forma indireta que quebram parte da solidez da dor, permitindo a abertura de lacunas que geram uma alternativa de alívio. A personagem principal vive num processo de busca por algo não dito, apenas escrito em cartas.

Ao propor articular o filme na impossibilidade de descrever todas as cenas e falas, vou fazer um recorte e destacar algumas situações que retratam as relações de gênero,

violência, aprisionamento e libertação de uma forma que os conceitos e teorias não alcançam e nem abrangem a totalidade a que se propõem ao tentar definir as diferenças entre aprisionamento e libertação, pois cada cena e cada fala abrem brechas para diversas discussões.

A relevância desse estudo está ancorada as concepções relacionadas à protagonista do filme. A vida da mulher é constituída dentro de padrões de comportamentos específicos cobrados pela sociedade em que vivem, o que somente varia de acordo com a situação econômica e sociocultural. As dificuldades para mudar as situações são muitas, mas também são variadas as formas com que as mulheres falam sobre seu problema, procuram ajuda e por vezes conseguem transformar a situação.

Nesse sentido, as dificuldades vivenciadas em relação à violência sofrida segundo o artigo 7º da Lei nº 11.340/2006 são: física (empurrões, tapas, socos, pontapés, enforcamentos, facadas, tiros, etc.); psicológica (calúnia, insultos, ofensas, ameaças, etc.); patrimonial (entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades); moral (entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria); institucional (motivada por desigualdades de gênero, étnico-raciais, econômicas etc. Essas desigualdades se formalizam e institucionalizam nas diferentes organizações privadas e aparelhos estatais, como também nos diferentes grupos que constituem essas sociedades); econômico (privação de dinheiro, trabalho escravo); ou sexual (estupro, assédio sexual etc.) “Violência de gênero é sinônimo de violência contra a mulher, o mesmo é considerado como violência doméstica e familiar, embora cada um desses conceitos tenha suas próprias idiosincrasias⁴” (JAEGER, 2004). Algumas mulheres sofrem todos os tipos de violência simultaneamente, diminuindo assim sua capacidade de reagir às agressões sofridas.

A sexualidade em nossa sociedade acompanha a própria história da humanidade. Em razão de sua complexidade essa temática é tratada de diversas formas de acordo com o viés assumido, moral, legal, histórico, social e político, o que lhe garante diferentes contornos e perspectivas. (FOUCAULT, 1998).

A Sexualidade vai além do corpo, constituindo-se como uma característica que está estabelecida e está presente na cultura e história do homem (COSTA e OLIVEIRA, 2011).

⁴ É uma característica de comportamento peculiar de um indivíduo ou de determinado grupo. Etimologicamente, idiosincrasia surgiu do grego *idiosugkrasía*, que significa “temperamento particular”. Na religião, idiosincrasia é o comportamento estranho ou diferente do usual das pessoas de determinada doutrina religiosa

Segundo Nunes e Silva (2006, p. 73) a sexualidade transcende à consideração meramente biológica, centrada na reprodução e nas capacidades instintivas.

Nesse sentido, em consonância com os dados apontados, tem como objetivo principal verificar e analisar a presença da situação de aprisionamento da personagem feminina Celie.

Desse modo, esta pesquisa se insere no campo da área de estudos sobre aprisionamento, libertação e narrativas, apresentando fontes de referência de autores que trabalham essa temática: Alvin (2009); Buglione (2000), Butler (2008); Castells (1999); Chevalier (1999); Colambaroli (2006), Costa e Oliveira (2011), Chauí (2001), Evaristo (2011), Foucault (1987), Garcia (2006), Lima (2006), Minayo (2000), Morga (2001); Netto (1987), Nunes e Silva (2006), Priore (2011); Saffioti (2005); Santos (2002), Scott (2005), entre outros.

Assim, com bases nos estudos propostos por esses teóricos, verificar e analisar a presença da situação de aprisionamento da personagem Celie no filme *A Cor Púrpura*, obtendo como objetivos específicos descobrir a quem pertencem às vozes silenciadas na narrativa e investigar se há ou não um processo de libertação das vozes silenciadas.

No que tange a pesquisa bibliográfica compreenderá a pesquisa em livros, dissertações de mestrado, teses de doutorado, internet, revistas, revistas de editorial acadêmico, artigos, bem como sites diversos. Ressalva-se que a pesquisa é de caráter qualitativo. Essa pesquisa se insere no campo da área de estudos sobre gênero, aprisionamento, libertação e narrativas.

A dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro trazemos o debate sobre os conceitos de aprisionamento e de libertação tanto da ótica científica como poética. Conceito de mulher e prisão, violência de gênero, patriarcado, movimento feminista, voz e silêncio. Nesta parte, apresentamos o debate entre as diferentes correntes teóricas

O segundo capítulo está ordenado de forma discutir sobre as rupturas e as transformações de vida nas narrativas do filme *a cor púrpura*, ressalta que os diálogos dos personagens expostos nesse capítulo foram retirados no próprio filme. Nesse contexto refletiu sobre a voz e o silêncio da personagem Celie.

No último capítulo analisou - se o conceito de Tecer a liberdade, a transformação de Celie, womanismo em *A Cor Púrpura*, entre versos e prosas.

1. APRISIONAMENTO E LIBERDADE

Que nada nos limite, que nada nos defina que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância. (BEAUVOIR, 1980 p. 97).

Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas.. Afinal, temos correntes em comum. (AUDRE LOURDES, 2018).

O desafio de escrever esse capítulo revela-se na análise de dois termos antagônicos: aprisionamento e libertação. Estes podem ser expressos entre versos e prosas. Dessa perspectiva, serão abordados alguns pontos que caracterizamos o objeto de pesquisa. Desse modo, apresentar-se-á as concepções de aprisionamento, libertação, voz, silêncio, patriarcado, sexualidade e redescritção, buscando retratar as idéias principais presentes nesse estudo.

Aprisionamento para Marie-Victoire Louis (1999) é um sistema de dominação proxeneta que é a negação de direitos, os estupros, as violências, as torturas, os assassinatos praticados depois de séculos sobre as mulheres.

Aprisionamento no dicionário Aurélio (2002, p.33) significa ato ou efeito de aprisionar; apresamento; captura, presa, detenção, tomadia, seqüestro, apreensão, apresamento, apropriação, arresto, carceragem, confinamento, detenção, encarceramento, encerramento, enclausuramento, prisão. A diversificação do significado de aprisionamento remete – se os motivos pelos quais as mulheres se encontram presas no poema de Meireles.

Quatrocentas mulheres
 Quatrocentas, digo, estão presas:
 Cem por ódio, cem por amor,
 Cem por orgulho,
 Cem por desprezo em celas de ferro,
 Em celas de fogo,
 em celas sem ferro nem fogo,
 Somente de dor e silêncio,
 Quatrocentas mulheres, numa outra cidade,
 Quatrocentas, digo, estão presas.
 (MEIRELES,1973, v8, p. 149)

Nesse contexto, é importante trazer as visões das mulheres escritoras Cecília Meireles, Conceição Evaristo e Mary Del Priore que refletem sobre aprisionamento e liberdade, pois, essa vertente sobre as expressões vividas e compreendidas na voz das mulheres tem uma narrativa e enfoque sobre outra reflexão e conotação.

Hennicka (2016) compreende o termo aprisionamento como algo que ocorre de diversas formas e acontece em muitos lugares. Ela exemplifica que o fato da mulher não poder usar uma roupa curta e sair andando livremente pelas ruas com medo de ser estuprada caracteriza uma forma de aprisionamento, em outra situação a mulher não pode expor seus desejos e libidos sexuais ao seu parceiro por receio de ser mal interpretada e com isso sofrer consequências

físicas, psíquicas e emocionais, em outro momento não poder expressar seus pensamentos críticos sobre determinados assuntos ou situações e ter que se calar. Em sintonia com essa interpretação tem – se a poesia de Cecília Meireles (1973, p.149) que expressa de maneira diferente o significado de sentir – se presa.

Presas em prisão giratória,
 Presas em delírio, na sombra,
 Presas por outros e por si mesmas,
 Tão presas que ninguém as solta,
 E nem o rubro galo do sol
 Nem a andorinha azul da lua
 Podem levar qualquer recado
 À prisão por onde as mulheres
 Se convertem em sal e muro.

A condição de estar presa assume as mais diversificadas formas e ainda é possível observar que o gênero feminino não pode freqüentar a escola ou universidade e não possuir o direito de ir e vir também é uma forma de prisão, a autora Del Priore (2013) afirma com essa reflexão que a mulher desde o princípio da humanidade não pode ser a dona do seu próprio corpo e não tem o direito de se relacionar com múltiplos parceiros, praticar sexo na hora que desejar, não tem o direito de poder pintar unhas, cabelo e lábios vermelhos. Brandalise (2017) diz que as mulheres são assujeitadas, presas: pelos valores, pela sociedade, pela condição carcerária.

Caracteriza-se aprisionamento a mulher ter sua vida anulada sobre as rédeas do pai e se casar e permanecer à mercê da imposição do marido. Pedroso (1997) considera aprisionamento a situação em que a mulher era obediente ao seu pai e ao seu esposo durante a vida, fazendo com que abrisse mão de seus sonhos em prol do outro. Essa conduta para Del Priore (2006) também é uma forma de se aprisionar, se limitando as condições impostas pelo parceiro. Hennicka (2018) considera que o relacionamento conjugal que sobrevive sobre ameaças é um casamento falido, ou seja, a mulher que se encontra nesse compromisso matrimonial por opressão, ela está aprisionada. Essas circunstâncias podem ser consideradas aprisionamento para algumas pessoas e podendo ser considerada para outras uma forma de sobrevivência. Nessa perspectiva Da Matta (1982, p.14) afirma: “[...] confesso que essas questões me perturbam porque situa a prisão como parte da própria condição humana e da própria vida em sociedade”.

O aprisionamento sempre existiu, a mulher é prisioneira conforme o compasso e o gingado da dança, tornando o balance desentoadado e perdendo a expressão corporal, essas formas de opressão fazem com que deixe de sentir prazer pela vida por medo da repressão. A mulher ora julgada pela dança e em outro momento difamada pela forma de vestir uma saia curta ou

uma blusa decotada e pela forma de falar alto ou até mesmo um palavrão, em muitas circunstâncias apaga dentro de si seu jeito de ser para satisfazer um coletivo preconceituoso e violento. Segundo Morgado (2004, p. 24), a violência “[...] não é estabelecida como efetiva ou inadequada, mas uma situação que nos torna necessariamente ameaçadas em nossa integridade pessoal ou que nos exportaria de nós mesmos”.

Arendt (1994) em sua obra, “Da Violência” preconiza que as consequências negativas que viole o direito e a dignidade do ser humano é uma forma de violência. Confirma Morin (1998, p.25) no sentido de dizer que tudo que é capaz de gerar sofrimento ou aniquilação do corpo do ser humano, assim como danificar ou causar danos a integridade psíquica é uma forma de aprisionamento e violência.

Ao perpassar pelo âmbito jurídico, o aprisionamento é caracterizado como privação de liberdade, ou seja, fundamentação filosófica à confinamento como sendo a aprendizagem do isolamento. Segregado da família, dos amigos e de outras relações socialmente significativas, espera-se que o preso, cotidianamente, venha a refletir sobre seu ato criminoso, sendo este o reflexo mais direto de sua punição. Diniz (2001), a sociedade impõe a presa ao isolamento como uma punição de natureza moral, como uma reafirmação do direito por ela negado, ou seja, pela prática de um crime.

No entanto, a filosofia estatal quando da aplicação da pena, vai além da mera imposição de um castigo. A prisão teoricamente deveria servir como uma empresa transformadora, na qual a presa será exposta às técnicas de disciplinamento e de reconstrução moral. Lima (1983, p.108) a prisão se constituiria então numa instituição na qual o Estado, através dos recursos financeiros obtidos junto aos cidadãos (contribuintes), proporcionaria aos indivíduos que praticaram delitos seu isolamento, de forma a ressocializá-los e credenciá-los ao retorno ao convívio social. Esse seria o objetivo legítimo de uma instituição prisional e da aplicação da pena privativa de liberdade.

O aprisionamento apresentado aqui nos seus múltiplos sentidos vai além do intramuros de uma prisão. A proposta de reflexão trata assuntos referentes a estas tentativas de enquadramento da mulher, produções de subjetividades sobre elas que acabam por fechá-las e achatá-las em compactas definições e identidades que mais aprisionam do que libertam. Pensa-se produzir com este trabalho um estranhamento no que se refere ao tema do aprisionamento e liberdade, na medida em que não consigam, embora tentem reduzir este conceito a uma cápsula de significados e essências, procurando capturar a capacidade inventiva da vida.

Em razão disso, torna-se necessário conhecer essa realidade do ser feminino que ora é prisioneira e ora está em processo de liberdade. Dessa perspectiva Lispector afirma que:

“ [...]

- Ela é tão livre que um dia será presa.

-Presa por quê?

- Por excesso de liberdade.

- Mas essa liberdade é inocente?

- É. Até mesmo ingênua.

- Então por que a prisão?

- Porque a liberdade ofende”.

LISPECTOR (1978, p. 66).

Há uma contradição no significado de liberdade exposto no poema, pois, compreende-se que há o desejo de liberdade, mas, a liberdade em excesso pode aprisionar o ser mulher. Embora seja contraditório, toda mulher almeja conquistar a sonhada liberdade conforme Tiburi (2015).

A liberdade é algo que se deseja enquanto ela é um sentimento promissor, um sentimento de mais liberdade, um sentimento contrário ao sentimento de opressão. Uma liberdade que é liberdade sobre o próprio corpo, sobre a própria voz, sobre a própria expressão enquanto a liberdade é um movimento na direção da liberdade que, assim como a democracia e o feminismo, nunca está pronta.

Para Spinoza (2006, p. 180) a liberdade não exclui a necessidade de agir; pelo contrário, coloca-a. Pettit contrapõe esse conceito de liberdade como não dominação: “uma pessoa livre é aquela que não vive sob desejo arbitrário ou dominação de outros. Enfatiza que a concepção de liberdade como não dominação advém de uma antiga tradição que associa ser livre a não ser dominado ou subjugado por ninguém”.

No dicionário Aurélio liberdade (2002, p.581) significa o direito de agir segundo o seu livre arbítrio, de acordo com a própria vontade, desde que não prejudique outra pessoa, é a sensação de estar livre e não depender de ninguém. Liberdade é também um conjunto de idéias liberais e dos direitos de cada cidadão.

Brainly (2017) liberdade é classificada pela filosofia como:

A independência do ser humano, o poder de ter autonomia e espontaneidade. A liberdade é um conceito utópico, uma vez que é questionável se realmente os indivíduos tem a liberdade que dizem ter, se com as mídias ela realmente existe, ou não. Diversos pensadores e filósofos dissertaram sobre a liberdade, como Sartre, Descartes, Kant, Marx e outros.

A liberdade de expressão é a garantia e a capacidade dada a um indivíduo, que lhe permite expressar as suas opiniões e crenças sem ser censurado. (SARTRE 1990, p.31) estão previstos alguns casos em que se verifica a restrição legítima da liberdade de expressão, quando a opinião ou crença tem o objetivo discriminar uma pessoa ou grupo específico através de

declarações injuriosas e difamatórias.

No meio jurídico conforme Corsi (2016), existe a liberdade condicional, que é quando um indivíduo que foi condenado por algo que cometeu, recebe o direito de cumprir toda, ou parte de sua pena em liberdade, ou seja, com o direito de fazer o que tiver interesse, mas de acordo com as normas da justiça. Existe também a liberdade provisória, que é atribuída a um indivíduo com cunho temporário. Pode ser obrigatória, permitida (com ou sem fiança) e vedada (em certos casos como o alegado envolvimento em crime organizado).

Segundo Brandalise (2018) na filosofia a origem do termo *liberta* em latim significa liberdade, também pode ser usada em sentido figurado, podendo ser sinônimo de ousadia, franqueza ou familiaridade. Como você chegou tarde, eu tomei a liberdade de pedir o jantar para você.

A liberdade fez parte do lema "Liberdade, Igualdade e Fraternidade", criado em 1793 para expressar valores defendidos pela Revolução Francesa, uma revolta que teve um impacto enorme nas sociedades contemporâneas e nos sistemas políticos da atualidade.

No âmbito da música, várias obras foram dedicadas ou inspiradas pelo conceito de liberdade. Um exemplo é o Hino da Proclamação da República do Brasil, escrito por Medeiros de Albuquerque: "Liberdade! Liberdade! Abre as asas sobre nós!"

Brandalise (2018) de acordo com a ética, a liberdade está relacionada com responsabilidade, uma vez que um indivíduo tem todo o direito de ter liberdade, desde que essa atitude não desrespeite ninguém, não passe por cima de princípios éticos e legais.

Segundo a filosofia (2018), liberdade é o conjunto de direitos de cada indivíduo, seja ele considerado isoladamente ou em grupo, perante o governo do país em que reside; é o poder que qualquer cidadão tem de exercer a sua vontade dentro dos limites da lei. É o direito de agir segundo o seu livre arbítrio, de acordo com a própria vontade, desde que não prejudique outra pessoa, é a sensação de estar livre e não depender de ninguém.

Filósofos como Marx, Sartre, Descartes e Kant estudaram e publicaram obras sobre a liberdade. Para Descartes a liberdade é motivada pela decisão do próprio indivíduo, mas muitas vezes essa vontade depende de outros fatores, como dinheiro ou bens materiais.

Segundo Kant (2009) a liberdade está relacionado com autonomia, é o direito do indivíduo dar suas próprias regras, que devem ser seguidas racionalmente. Essa liberdade só ocorre realmente, através do conhecimento das leis morais e não apenas pela própria vontade da pessoa. Kant diz que a liberdade é o livre arbítrio e não deve ser relacionado com as leis.

Sartre (1986), a liberdade é a condição de vida do ser humano, o princípio do homem é ser livre. O homem é livre por si mesmo, independente dos fatores do mundo, das coisas que

ocorrem, ele é livre para fazer o que tiver vontade.

Marx (2001, p. 168) diz que a liberdade humana é uma prática dos indivíduos, e ela está diretamente ligada aos bens materiais. Os indivíduos manifestam sua liberdade em grupo, e criam seu próprio mundo, com seus próprios interesses.

A educação na visão de Paulo Freire deve realizar-se como prática da liberdade. Os caminhos da libertação só estabelecem sujeitos livres e a prática da liberdade só pode se concretizar numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica.

Nesse sentido para Moraes (1996) não basta só aprender a ler e a rascunhar o nome, pela leitura ocorre outras sabedorias que proporcionam escrever o texto da própria vida, assim, possibilitam construir a sua própria história e dos seus. A leitura permite a continuidade de decifrar os vestígios do tempo no sentidos de tudo que ficara para trás e perceber que haviam por debaixo da assinatura do próprio punho outras letras e marcas.

A libertação feminina depende integralmente de posicionamentos de transgressão. Nesse sentido pode-se reconhecer todas as conquistas sociais que os movimentos feministas alcançaram a partir de atitudes transgressoras. Isso se verifica no direito ao voto, por exemplo, considerado inadequado anteriormente.

1.1 Mulher e Prisão

Aludir ao conceito de mulher é importante compreender que a definição contará com o referencial teórico e do contexto histórico, ao longo destas linhas, insistindo que não há consenso em relação aos sentidos dado a terminologia mulher. Ao longo dos anos, em perspectiva sobre a variedade de eventos sociais, por exemplo, a batalha contra os maus-tratos femininos e a proximidade dinâmica das mulheres tanto no trabalho quanto na família; o exame das relações de intensidade, a investigação e problematização do contraste sexual e ao antiessencialismo; surgiram diversas teorias feministas, que se diferenciam; as hipóteses ativistas das mulheres aumentaram, variando as razões para o abuso feminino e as atividades que se espera gerenciá-lo, por exemplo, o feminismo liberal, o feminismo marxista, o feminismo cultural e o feminismo negro.

Nesse sentido, Saffioti (2005) esclarece que compreender a classificação da orientação sexual como verificável e sistemática e alude ao desenvolvimento social do masculino e feminino e infere a compreensão de relações de poder autênticas entre as pessoas, a necessidade

de observar as relações sociais considerando os impactos dos desenvolvimentos do que é ser homem e o que é ser mulher e o caráter da variabilidade desses desenvolvimentos.

A violência de gênero possui o domínio masculino em relação às mulheres, que mantém a estrutura centrada no homem. Almeida (2007) atrai reflexão sobre o perigo de individualizar essas questões e a importância de se concentrar na rede absolutista matriz hegemônica de gênero, na qual os homens possuem um ponto privilegiado em relação ao poder em relação às mulheres.

O poder é uma questão debatida que permeou a prisão, loucura e a sexualidade. Afirma o filósofo “Meu verdadeiro problema é aquele que, aliás, atualmente é o problema de todo mundo: o do poder” (FOUCAULT, 2010, p. 224). O poder está relacionado à dominação, segundo o filósofo Foucault (2008) as relações de poder estão ligadas a existência de um Estado, exército, justiça e polícia.

As relações de poder existem entre um homem e uma mulher, entre aquele que sabe e aquele que não sabe, entre os pais e as crianças, na família. Na sociedade, há milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequenos enfrentamentos, microlutas, de algum modo. Se é verdade que essas pequenas relações de poder são com frequência comandadas, induzidas do alto pelos grandes poderes de Estado ou pelas grandes dominações de classes, é preciso ainda dizer que, em sentido inverso, uma dominação de classe ou uma estrutura de Estado só podem bem funcionar se há, na base essas pequenas relações de poder (FOUCAULT, 2010, p. 231).

Nesse sentido Foucault sugere a conceituação do poder

[...] - que o poder é coextensivo ao corpo social; não há entre as malhas de sua rede, praias de liberdades elementares; - que as relações de poder são intrincadas em outros tipos de relação (de produção, de aliança, de família, de sexualidade) em que desempenham um papel ao mesmo tempo condicionante e condicionado; - que elas não obedecem à forma única da interdição e do castigo, mas que são formas múltiplas; - que seu entrecruzamento delinea fatos gerais de dominação, que esta dominação se organiza em estratégia mais ou menos coerente e unitária; que os procedimentos dispersados, heteromorfos e locais de poder são reajustados, reforçados, transformados por essas estratégias globais, e tudo isso com numerosos fenômenos de inércia, de intervalos, de resistência; que não se deve, portanto, pensar um fato primeiro e maciço de dominação (uma estrutura binária com, de um lado, do “dominantes” e, do outro, os “dominados”), mas, antes, uma produção multiforme de relações de dominação, que são parcialmente integráveis a estratégias de conjunto; - que as relações de poder “servem”, de fato porém não porque estão “a serviço” de um interesse econômico dado como primitivo, mas porque podem ser utilizadas em estratégias; - que não há relações de poder sem resistências; que estas são tão mais reais e eficazes quanto mais se formem ali mesmo onde se exercem as relações de poder; a resistência ao poder não tem que vir de fora para ser real, mas ela não é pega na armadilha porque ela é a compatriota do poder; ela é, por tanto, como ele, múltipla e integrável a estratégias globais (FOUCAULT, 2010, p. 248-249).

O poder de dominação do homem sobre a mulher é compreendido por Engels como uma forma particular de organização familiar na qual o pai dominava os outros membros de uma

extensa rede de parentesco e controlava a produção econômica da família conceituada como patriarcado.

O patriarcado é uma organização das relações sociais de gênero em que o controle é desempenhado de maneira desigual. O controle masculino é praticado em todos os círculos sociais abertos e privados a mensuração material é tipificada nas diferentes circunstâncias de desigualdade.

Bourdieu (1996) afirma que, semelhante a cada solicitação institucional, existe de duas maneiras diferentes: em "coisas" (divisões espaciais entre espaços masculinos e femininos, instrumentos separados entre masculinos e femininos) e na mente (padrões de visão e divisão, categorizações científicas, padrões de caracterização). Dessa maneira, o controle masculino é se registra nas estruturas objetivas e nas estruturas subjetivas. A inscrição nas estruturas subjetivas é o que garante a manutenção desse pedido e o que dificulta a transposição de obstáculos para reformular a idéia do mundo de maneira inesperada.

O pensamento masculino é essencial para compreender o controle nas quais certos acordos entre as pessoas são baseados, a conexão desigual entre eles e a utilização da violência como um método para manter uma garantia de poder.

Nesse sentido, a ideia de violência incorpora transgressões aos padrões construídos de gênero. Essas transgressões são, além disso, inspiração para o apoio de forças dominadoras e têm tipos de relacionamento menos confinados do que a relação homem-mulher.

Os arranjos patriarcais e a violência como um tipo de suporte de intensidade são representados em diferentes circunstâncias. As vivências das mulheres presas, como serão refletidas nesta dissertação, ainda apontam para tipos de pensamentos, exercícios de sexualidade e resultados concebíveis relacionados à palavra sujeitos a diferentes tipos de controle que ocasionalmente resultam em circunstâncias de violência.

A leitura de Goffman (1974) sobre das instituições totais ainda está presente e atual na compreensão dos procedimentos de geração de subjetividade de todas as fundações. Goffman (1974) caracteriza as instituições totais como fundações fechadas, onde um número expressivo de pessoas também vive uma vida formal em tempo integral. O criador também apresenta a presença de um grupo de iniciativa responsável por resolver burocraticamente as necessidades fundamentais da pessoa. Os resultados dessas instituições totais são a vigilância e o exame consistente como uma abordagem para controlar e documentar os corpos. Assim, as internas são obrigadas a realizar as atividades com o rigoroso controle do tempo, todos juntos e de forma confiável em um local semelhante.

Nas instituições totais, todas as atividades da vida do interno se passam intramuros. De acordo com Kolker (2002), a obra de Goffman relatou os violentos processos de desterritorialização⁵ e reterritorialização⁶ nas instituições totais, que começam com o desengajamento do mundo externo, passam pela alocação de qualidades individuais e culminam com o aniquilamento da autonomia e a submissão.

Essas instituições são estabelecidas para “repartir os indivíduos, fixá-los e distribuí-los espacialmente, classificá-los, tirar deles o máximo de tempo e o máximo de forças...” (FOUCAULT, 2002, p. 157).

Foucault afirma ao falar dos corpos dóceis e úteis, o que é realizado pelo trabalho exato no corpo. Enquanto o corpo é dócil, a punição torna-se disciplinar. A disciplina nesse ponto recai sobre o corpo que é limitado por forças que forçam “limitações, proibições e obrigações”. (Idem 2002, p. 200).

Notar que falar de um sistema institucional que, para o trabalho, aglutina e denota determinados temas de concentração, por exemplo, os agentes penitenciários e socioeducativos, as mulheres e as adolescentes, e a equipe técnica; essas reuniões são isoladas por vários quadros de intensidade que se relacionam, compõem o estabelecimento de dificuldades de liberdade. Essas conexões gerenciam a "dimensão institucional" (LAPASSADE, 1989). O autor ressalta que é difícil compreender o homem sem a condição social que lhe é fundamental, assim como a sociedade sem as pessoas que o estabelecem. Isso aparece entre relações interprofissionais que são comumente constitutivas e que oferecerão sinais para a dimensão institucional.

O ponto de vista de que esses fenômenos não podem ser divulgados como ligadas à conduta isolada das pessoas, no entanto dependem de relações de poder que se estabelecem em toda uma geração verificável, social e política de natureza financeira, social, étnica e raciais e de gênero, que em nosso país datam da colonização.

Conforme Wacquant (2011), os estados neoliberais - para garantir a solicitação de um expresso monetário e social insignificante que continuamente se isenta do trabalho de subscritor de direitos, contraindo suas obrigações sociais - produzem um estado policial e prisional mais extremo. O autor chama ainda a atenção para o fato de que a polícia e o estado de prisão são a razão da incerteza alvo e emocional em todas as nações. No Brasil, tem uma perspectiva de vizinhança extremamente perigosa, sob o argumento de que aqui, como regra geral, o Estado

5 Conceito introduzido por Guattari (1986) para referir-se ao desmanchamento de territórios existenciais anteriormente constituídos.. 11 Profissionais de diversas áreas de saber como: Psicologia, Serviço Social, Pedagogia, entre outros.

6 Seria a recomposição do território a partir de outros códigos

de Bem-Estar Social nunca existiu, verdade seja dita; podemos supor que houve, no máximo, um Estado “previdenciário”.

As inovações do poder disciplinar e dos sistemas de segurança são resolvidas através de diferentes dispositivos que buscam padronização e controle da população, ou seja, o trabalho dentro de uma unidade de internação é atravessado pela retenção e desintegração de suas disparidades e inconsistências lógicas, pois é necessário é inspecionar a massa.

Desde que fomos concebidos, somos englobados pelas diretrizes essenciais às quais somos oprimidos e consistentemente somos advertidos, primeiro por nossos pais, àquele ponto nos estabelecimentos instrutivos, em nosso trabalho, pelos regulamentos de trânsito entre outros. Dá-nos a oportunidade de sermos moldados pelo nosso público em geral, pela convicção religiosa e pelas qualidades morais.

Seja como for, as instalações de detenção são únicos: o sujeito apresentado às dificuldades da liberdade está sujeito a confinamentos e controles muito mais notáveis, o que pode levá-lo a um procedimento de subjetivação separada. A cadeia é o local ideal para essas condições acontecerem. A prisão espera que ele administre "assuntos abomináveis" que deveriam ser "misturados". Essas organizações são estabelecidas para "separar as pessoas, fixá-las e dispersá-las espacialmente, caracterizá-las, tirar o tempo mais extremo e a maior qualidade delas..." (FOUCAULT, 2002, 157).

Hoje o grosso da população carcerária é formado pela criação cotidiana da guerra contra as drogas por intermédio do uso de novas tecnologias de controle; também que o arranjo social foi interpretado como uma abordagem de limitação populacional para os indivíduos que vivem em localidades específicas da cidade e que a estratégia de resistência zero importada de nossos vizinhos norte-americanos nos leva à guerra contra drogas sem reconhecer o cliente do revendedor (Batista, 2003). Vivemos na contemporaneidade em um “Estado Penal” (WACQUANT 2003) e esta é uma impressão da criação e dispersão de uma cultura de pavor e fraqueza da sociedade, na qual certas peças da população são transformadas em adversárias da sociedade.

Donzelot (1986), a instituição prisão é uma estrutura incompreensível que precisa ser fechada com discursos bem ditos: castigar e ressocializar, punir e curar. De acordo com Foucault, a detenção não é apenas um prédio ou fundação planejada para rejeitar e enfrentar degenerados, mas também uma estratégia: uma abordagem de proteger a sociedade contra o que ela não reforça.

Contundo, estar em uma cadeia pode ser compreendido como uma simples troca de lugares. Lagarde (1997) As mulheres “estão presas e diversas são suas prisões na sociedade e

na cultura. Pelo simples fato de serem mulheres num mundo patriarcal, todas dividem a prisão constituída por sua condição genérica”.

O Patriarcado era visto como a ajuda ideológica que permite o evento das disparidades de gênero: é o arranjo das relações sociais que têm uma premissa material e no qual existem várias conexões niveladas entre os homens, e solidariedades entre elas, que os capacitam a controlar mulheres. Patriarcado é, pois, o sistema masculino de opressão das mulheres (SAFFIOTI, 1999 p. 143).

De acordo com Morga (2001), as mulheres detidas são "negligenciadas, excluídas, escassas e limitadas a certos exercícios". Não devemos esquecer que cada mulher tem sua própria história e as coisas creditadas a essas mulheres são rejeição, preferência, segregação e estigmas, e elas precisam agora de satisfação de disciplina para juntar seus recortes para representar ressocialização ou recuperação.

Em um estudo dirigido pelo IBGE em 2007, descobriu-se que as mulheres detidas não recebem o mesmo tratamento dado à população masculina e a quantidade de mulheres detidas é menor do que a quantidade de homens.

As mulheres foram, durante muito tempo, deixadas na sombra da história. Entretanto, a ênfase mais atenta do cotidiano...faz com que a tiremos das dobras do tempo para mostrá-las nas diferentes relações entre os sexos. Não é apenas por serem mulheres que elas são objetos da história. No silêncio, nas ações ou nas palavras, essas mulheres podem ser vistas, mesmo que nas sombras das contingências das exclusões ou no redondilho que as moldou idealizadas (MORGA, 2001, p 39).

As mulheres que estão cumprindo sua sentença experimentam os efeitos nocivos da prisão e da sociedade, sendo negligenciadas totalmente e ao mesmo tempo são rejeitadas e discriminadas, não tendo acesso na maioria das vezes a trabalho, educação e saúde.

Se não é mais o corpo que se dirige a punição, em suas formas mais duras, sobre o que então se exerce? A resposta dos teóricos – daqueles que abriram por volta de 1789, o período que ainda não se encerrou – é simples, quase evidente. Dir-se-ia inscrita a própria indagação. Pois não é mais o corpo, é a alma. À expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições (FOUCAULT, 2002, p. 18).

No caso em que elas ficam à margem da sociedade para realizar irregularidades, em geral conectando-se com seus cúmplices em violações relacionadas a medicação ou crimes identificados com a troca de drogas, eles serão significativamente menosprezados emudecidas pela impossibilidade de apresentarem suas falas.

Autores como: Goffman (1975), Foucault (2002) e Lapassade (2001) introduziram a natureza e a capacidade social das prisões, por meio da visão espantosa do poder que essas fundações precisam para confinar a experiência humana a uma realidade praticamente insuportável promovendo um trágico fim àqueles que se revoltam ou enlouquecem.

As investigações explicadas pelos autores acima sobre as instituições totais⁷ de todos os complementos contribuem para a compreensão da geração de subjetividade das presas, pois tanto elas como seus familiares estão em relação com os procedimentos da prisão. A conjunção institucional cria nos impactos e sentimentos internos e reconhecíveis, guiados pelo componente disciplinar e de segurança, descartando as singularidades e forças dos sujeitos.

Segundo Lopes (2007), o pano de fundo histórico do aprisionamento de mulheres no Brasil tem poucos registros. No entanto, nos documentos disponíveis fica patente que o sentido da pena tem reproduzido, historicamente, é o do encarceramento de pobres e a reprodução do domínio masculino (BIERRENBACH, 1998).

Podemos dizer que as instalações femininas de detenção, independentemente de terem uma dinâmica alternativa das penitenciárias masculinas, foram idealizadas como prisões masculinas e seguem, de várias perspectivas, a alma das cadeias masculinas. O não comparecimento de uma cadeia para mulheres pode espelhar a origem obscura que as mulheres criminosas estão abaixo da média em comparação com os homens de segunda classe que realizaram violações.

O descuido com as necessidades das mulheres detentas faz das penitenciárias femininas unidades de segundo nível, isto é, recriam o local de acomodação e desconsideram que as mulheres ainda envolvem diferentes divisões da sociedade. (FARRELL, 1998).

As mulheres não são iguais aos homens, mas têm direitos humanos paralelos. As questões do delito feminino nunca mais podem ser tratadas como questões de homens. Isso está relacionado ao que Fernandez (1995) denominou direito de gênero. As mulheres são censuradas por padrões legais indistinguíveis dos homens, mas, por causa de seus contrastes e diferenças de gênero, elas não podem ser tratadas da mesma forma.

1.2 Movimento Feminista

7 - Instituições Total é aquela que controla ou busca controlar a vida dos indivíduos a ela submetidos substituindo todas as possibilidades de interação social por "alternativas" internas. O conjunto de efeitos causados pelas instituições totais nos seres humanos é chamado de institucionalização.

Soares (1988) o movimento feminista no Brasil surgiu no século XIX com a luta pela educação feminina, direito de voto e abolição dos escravos. Atualmente, existem várias organizações feministas no Brasil que defendem a equiparação do direito das mulheres ao dos homens. Igualmente, há organizações específicas de feministas negras, indígenas, homossexuais e transexuais.

A origem do movimento feminista ocorreu no século XIX, a condição da mulher brasileira acompanhava as desigualdades sociais e econômicas do país. O Brasil era uma sociedade baseada na escravidão que oprimia tanto a mulher negra na sua condição de escrava; e a branca, restrita às tarefas do lar.

Segundo Soares (1994) a partir da obra da inglesa Mary Wollstonecraft, Nísia Augusta redige vários livros e artigos nos jornais sobre a questão feminina, o abolicionismo e o republicanismo. Suas obras *Conselhos a minha filha*, de 1842; *Opúsculo humanitário*, de 1853 são apontadas como as primeiras sobre feminismo no Brasil. Também começam as reivindicações pelo direito de voto, tal como acontecia nos Estados Unidos e na Inglaterra. Cumpre destacar o caso da dentista Isabel Mattos Dalton que se aproveita da condição de diplomada para exercer seu direito de voto no Rio Grande do Sul, ainda que seja um caso isolado.

Destacam-se personalidades como Chiquinha Gonzaga, pianista e compositora, que não aceitava usar um pseudônimo masculino para assinar suas obras.



Figura 1 -LEOLINDA AO CENTRO DA PASSEATA DE 1917
 Fonte: <https://www.todamateria.com.br/feminismo-no-brasil/>

Com o advento da República, o movimento feminista no Brasil se torna mais amplo. Soares (1994) o novo regime não concede o direito de voto às mulheres e nem facilita o acesso

ao mercado de trabalho à mulher branca de classe média urbana ou rica. Já a mulher negra, a indígena e a mulher branca pobre sempre tiveram que trabalhar para sobreviver.

Paterman (1993) enfatiza, apesar de a República ter separado a Igreja do Estado e instituir o casamento civil era difícil de obter o divórcio. O Código Civil de 1916 definia a mulher como incapaz dependente do pai ou do marido. A mulher casada precisava da autorização do marido para viajar, receber herança, trabalhar fora de casa ou adquirir patrimônio.

“Neste momento em que surgem no Brasil as primeiras fábricas, o trabalho feminino e infantil é requisitado, pois é mal remunerado e ajuda a manter o baixo custo da produção”. (Weber, 1964, p. 184). Assim, na Greve Geral de 1917, existem reivindicações específicas por parte deste coletivo junto aos patrões.

Alain Touraine (1984), neste contexto emergem as figuras de Leolinda Figueiredo Daltro, que funda o Partido Republicano Feminino e de Bertha Lutz, da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Ambas lutavam pelo direito ao voto e pela igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Destaca Alves (1980), devido às pressões dos movimentos feministas, as brasileiras conseguem direito de voto em 1932. Apesar disso, com a consolidação de Getúlio Vargas e do Golpe de 37, a ditadura varguista fecha o Congresso e suspende as eleições. Para Castells (1999), por conseguinte, a imagem da mulher consagrada pelo governo Vargas será a mulher que realiza trabalhos como enfermeira, professora, secretária e, claro, esposa dedicada ao lar.

Na década de 1950, com a volta da democracia, destacam-se as figuras das advogadas Romy Martins Medeiros da Fonseca e de Ormindia Ribeiro Bastos. Romy Fonseca pediu um estudo à Câmara dos Deputados sobre a situação da mulher casada no Código Civil brasileiro.

Indignadas com as leis que submetiam a mulher casada à tutela do marido, as duas advogadas elaboraram uma nova proposta que ampliasse os direitos da mulher (Teles, 1999). O projeto foi apresentado ao Congresso Nacional em 1951. Apesar de sua grande repercussão, o projeto tramitou durante dez anos através da burocracia parlamentar.

Conforme Guzmán (1998), somente com a pressão do movimento de mulheres, o Congresso Nacional aprovou, dez anos depois, as mudanças indicadas por Romy Medeiros e Ormindia Bastos. O novo Código Civil de 27 de agosto de 1962 terminava com a tutela dos maridos sobre as suas esposas. Agora, as mulheres não precisariam mais da autorização do marido se quisessem trabalhar fora de casa, receber herança, ou viajar.

A década de 1960 é marcada pela liberação sexual, pelo surgimento da pílula anticoncepcional e pelos movimentos dos direitos civis. Estes trazem à tona questões específicas como a questão da mulher negra, da mulher indígena e dos homossexuais. São discussões realizadas por Simone Beauvoir no seu livro “O Segundo Sexo” sobre o gênero e a identidade.

Costa (2005), o Brasil vivia uma grande efervescência de movimentos populares e as organizações feministas discutiam as novidades que chegavam de fora. Porém, a ditadura militar atinge em cheio os cidadãos impedindo o direito de associação.

A década de 1970, no entanto, o país vivia o período da ditadura militar e qualquer manifestação política era vista como ameaça à segurança nacional. Céli Pinto (2003), algumas mulheres lutam contra a ditadura militar e muitas são presas, torturadas e exiladas. Participam tanto da resistência pacífica em passeatas quanto do movimento armado na Guerrilha do Araguaia, por exemplo.

Lourdes Bandeira (2005), durante a distensão promovida pelo general Geisel, várias mulheres, entre as quais Therezinha Zerbini, criam o Movimento Feminino pela Anistia. Este reunia mães e esposas que tiveram seus filhos e maridos exilados ou presos pela Lei de Segurança Nacional. Após a Lei da Anistia ser promulgada, o movimento continuou a lutar pela redemocratização no Brasil.

Segundo Lourdes Bandeira (2005), em 1975 é declarado pela ONU como Ano Internacional das Mulheres. Em um país que vivia sob ditadura era a desculpa para as mulheres se reunirem e discutirem problemas e encontrar soluções.

Foram realizados o 1º Encontro de Mulheres do Rio de Janeiro e o Encontro para o Diagnóstico da Mulher Paulista que deram origem ao centro de Desenvolvimento da Mulher brasileira.



Figura 2-As deputadas brasileiras "lobby do batom".

Fonte: <https://www.tomulhereria.com.br/feminismo-no-brasil/>

Com a volta da democracia ao Brasil, as mulheres ganham mais protagonismo no governo com a criação, em 1985, do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM). Também consegue 26 cadeiras durante a eleição para a Assembléia Constituinte onde lutaram pela inclusão de leis que favorecessem as mulheres. (Portal da SPM⁸, 2018).

Foram incorporados, além da igualdade jurídica entre homens e mulheres, licença-maternidade com duração superior à da licença-paternidade; o incentivo ao trabalho da mulher, mediante normas protetoras; prazo mais curto para a aposentadoria por tempo de serviço e contribuição da mulher.

Guzmán (1998), afirma que foi aberta em São Paulo, no dia 06.08.1985, a primeira Delegacia de Defesa da Mulher, especializada no atendimento de vítimas de agressão doméstica e de casos de violência contra a mulher. Atualmente, essas delegacias só existem em 7,9% das cidades brasileiras.

Com o aumento da escolarização feminina e da estabilização democrática do país, os objetivos do movimento feminista foram se adaptando de acordo com a dinâmica da sociedade.

8- Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres

Por isso, as mulheres passaram a exigir maior participação na vida pública, mesmo que seja através das chamadas lei de "discriminação positiva". Estas obrigam os partidos garantirem cotas de 30% de mulheres candidatas ao legislativo.

O movimento feminista no Brasil acompanhou as demandas do novo milênio com a inclusão de novos temas à sua agenda como a diversidade sexual, racial e o questionamento da maternidade como uma obrigação.

Através das redes sociais e blogs, a nova geração de feministas encontrou uma plataforma para expor suas idéias.

Em 2006, durante o governo Lula, foi sancionada a Lei Maria da Penha que pune com mais rigor os casos de violência doméstica. A lei foi saudada como um grande passo para a prevenção da violência doméstica contra as mulheres.

Igualmente, cresceu dentro do movimento feminista, a preocupação com o corpo da mulher e o uso que a sociedade, os homens e ela mesma fazem deste corpo. Neste sentido, a organização Marcha das Vadias é um exemplo do uso do corpo feminino como protesto, pois as mulheres comparecem às manifestações vestindo poucas roupas.

No Brasil, continua a luta pela erradicação da violência doméstica, maior representatividade política, direito ao parto natural, amamentação em lugares públicos, direito ao aborto, e o fim de uma cultura que coloca a mulher submissa ao homem.

No entanto, um grupo de mulheres que não compartilha com os objetivos de certas correntes do feminismo, também desponta. Assim movimentos como Moça não sou obrigada a ser feminista e Mulheres contra feminismo que se posicionam contra certos planteamentos de algumas vertentes do feminismo contemporâneo.

Um dos grandes desafios da humanidade seja desconstruir mordanças, ora simbólicas, ora concretas. E um dos recursos seria a voz. A voz feminina com o poder de traduzir a mulher como ser que trabalha, que estuda, que realiza seus sonhos cogitando ser mãe por escolha. Essa voz oportunizaria o empoderamento feminino, como sugere a fonoaudióloga Teresa Pesenti, em sua palestra ao programa TED X Pedra Branca Women (2017), convidando a pensar na construção da voz como um aspecto de empoderamento pessoal da mulher. Para além dos aspectos fisiológicos, há uma construção subjetiva que influencia sua sonoridade e a forma como ela se relaciona com o mundo. Segundo Tiburi (2018), a mulher ocupa espaço na sociedade de reivindicação do acesso à voz por excelência. Conforme Inacio (2003), essas mordanças sempre estiveram presente na vida da mulher querendo que ela se calasse através da imposição do patriarcado.

O Patriarcado era visto como a ajuda ideológica que permite o evento das disparidades de gênero: é o arranjo das relações sociais que têm uma premissa material e no qual há conexões progressivas entre os homens, e solidariedades entre elas, que as capacitam a controlar as mulheres. A sociedade controlada pelo homem é, conseqüentemente, o arranjo masculino da perseguição das mulheres (SAFFIOTI, 1999, p. 143).

Conhecemos mulheres inativas que, quando conversavam, demonstravam seu desejo de se interessar por exercícios instrutivos, de trabalho e recreação. Como indicado por Morga (2001), as mulheres detidas são "negligenciadas, excluídas, escassas e restritas a certos exercícios". Não devemos esquecer que cada mulher tem sua própria história e as coisas creditadas a essas mulheres são evitação, preferência, separação e estigmas, e eles precisam agora de satisfação de disciplina para juntar suas fatias para representar ressocialização ou recuperação.

As mulheres foram, durante muito tempo, deixadas na sombra da história. Entretanto, a ênfase mais atenta do cotidiano...faz com que a tiremos das dobras do tempo para mostrá-las nas diferentes relações entre os sexos. Não é apenas por serem mulheres que elas são objetos da história. No silêncio, nas ações ou nas palavras, essas mulheres podem ser vistas, mesmo que nas sobras das contingências das exclusões ou no redondilho que as moldou idealizadas. (MORGA, 2001, p 39).

Com base nas teorias feministas e dos estudos culturais, tomando como referenciais os conceitos abordados por Hall (1997), entre outros verificaremos as formas de expressão do patriarcado e das relações desiguais de poder no âmbito familiar e suas marcas para a construção e/ou afirmação da identidade. O conto aponta sinais de rupturas com a mordada do patriarcado culturalmente estabelecidas e, aqui, questionadas, e afinação com a (re)construção identitária através de sua protagonista.

Segundo Joan Scott (1990), “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e, mais, “é uma forma primeira de significar as relações desiguais de poder”, as quais se expressam nas configurações subjetivas, políticas, normativas e simbólicas nas sociedades. Assim, ao tomarmos a perspectiva dessa autora, observamos na narrativa em questão, que as relações desiguais de poder são evidenciadas no espaço familiar, a partir da condição biológica do sexo da protagonista.

Essas relações de poder são evidenciadas no texto O conto “Natalina Soledad”, publicado em Insubmissas lágrimas de mulheres (2011), coletânea de contos escrita por Conceição Evaristo que busca refletir sobre a origem das insubmissas lágrimas vertidas por mulheres, freqüentemente em reação ao sofrimento por elas enfrentado. Os contos são

interligados através de uma narradora que coleta as histórias de cada personagem, com o intuito de recontá-las ao leitor, selecionando de cada relato os fatos que julga mais relevante.

No decorrer da análise, as diferenças percebidas entre os sexos, observa quais os valores atrelados ao sexo da protagonista a partir de seu nascimento e qual o papel que sua família assume no sentido de garantir que os papéis sociais e sexuais se mantenham inalterados.

Contudo, é importante lembrar que na narrativa, pode perceber o entrelaçamento entre os conceitos de gênero e patriarcado, os quais nos ajudam a compreender as diferentes formas de opressão e dominação contra as mulheres, no caso, as personagens da narrativa, na relação com o sexo masculino e nas relações sociais de gênero.

Ao tomarmos a noção de patriarcado de Manuel Castells (2002), ou seja, de que este “caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e filhos no âmbito familiar”, cuja autoridade permeia “toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação e à cultura”.

Lúcia Osana Zolin (2003), em seu texto “Crítica feminista”, menciona os conceitos teóricos de tal crítica, apresentando a seguinte definição de patriarcalismo:

Termo utilizado para designar uma espécie de organização familiar originária dos povos antigos, na qual toda a instituição social concentrava-se na figura de um chefe, o patriarca, cuja autoridade era preponderante e incontestável. Esse conceito tem permeado a maioria das discussões travadas no contexto do pensamento feminista, que envolvem a questão da opressão da mulher ao longo de sua história (ZOLIN, 2003:162)

Portanto, no patriarcado não é casual que o chefe seja o homem, a figura paterna. Formas de organização social patriarcal se caracterizam por garantir amplamente que este poder masculino se perpetue. O enraizamento do patriarcado está presente na estrutura familiar e na reprodução da espécie. Percebe-se que a família Silveira busca manter sua existência por via da procriação – mais especificamente pelo nascimento dos filhos homens, os quais simbolizam a garantia da masculinidade na árvore genealógica e a manutenção do nome desta família, perpetuados de geração em geração:

Seu avô, pai de seu pai, mesmo com a idade avançada, na quinta mulher havia feito um menino homem. E todos os treze filhos do velho, nascidos dos casamentos anteriores, tinham nascido meninos-homens. Seu pai, o mais velho dos treze, não havia seguido a mesma trajetória do velho Arlindo Silveira. Tivera um único filho, ele (EVARISTO, 2011).

Historicamente, as famílias patriarcais vinculam o poder ao sujeito masculino, reforçando o poder masculino por meio do nascimento de meninos, sendo este uma

comprovação da virilidade do homem (simbolizado pelo esperma) e de seu poder de reprodução. Por sua vez, as mulheres eram consideradas, por meio de seu útero, simplesmente como receptáculos para procriação masculina. Em algumas culturas de tradições judaicas, palestinas, entre outras, as meninas não eram acolhidas pelo patriarca da casa por serem tidas como sexo frágil e de sangue impuro, além de serem desprestigiadas pela cultura por não representarem a prosperidade e a perpetuação da linhagem masculina.

A masculinidade da família Silveira, no conto em questão, representado pelo mais novo patriarca – Arlindo Silveira Neto –, ao se espelhar nos seus antecessores, busca dar continuidade à “façanha de conceber filhos machos”. Porém, sua proeza é interrompida com o nascimento da sétima criança, meninas, sua filha, como podem verificar no discurso da narradora.

O homem garboso de sua masculinidade, que, a seu ver, ficava comprovada a cada filho homem nascido, ficou decepcionado quando lhe deram a notícia de que seu sétimo rebento era uma menina (EVARISTO, 2011:19-20).

O nascimento de uma criança do sexo feminino é sinal de decepção para o patriarca Arlindo Silveira Neto, porque simboliza a descontinuidade da linhagem da família Silveira. Esse acontecimento coloca em dúvida, a princípio, sua virilidade de macho, mas logo Silveira desconstrói a possibilidade de falha de sua virilidade jogando a culpa em uma possível traição da mulher. “Traição, traição de primeira! De seu corpo não podia ser, de sua rija semente jamais brotaria uma coisa menina. Sua mulher devia ter se metido com alguém e ali estava prova. Uma menina. Só podia ser filha de outro”! (EVARISTO, 2011:20).

Nessa passagem, observa que há uma supervalorização do sêmen masculino em detrimento do óvulo feminino, uma vez que do ponto de vista do personagem, a “semente” sempre foi fecunda e sadia, resultando na produção de meninos-homens. Sendo assim, seu sêmen jamais produziria uma “coisa menina”, pois de “sua rija vara só saía varão” (EVARISTO, 2011:20). Para justificar o nascimento da “coisa menina”, o personagem se utiliza de artifícios morais e machistas, colocando em xeque a fidelidade de sua esposa, supondo uma relação extra-matrimonial. Podemos observar que tal lógica extrema, se levada a cabo por todos, implicaria no fim da espécie, já que meninas seriam necessárias inclusive para procriação futura. “E desde o nascimento da menina, que até então, cumpria fielmente o seu dever de marido (...) deixou de se aproximar da mulher, tomou nojo do corpo desobediente dela, do corpo traidor de sua esposa” (EVARISTO, 2011:20).

O “corpo desobediente” e “traidor” da esposa é revelador de uma transgressão às normas do patriarcado, que passa a ser confrontado pela reprodução de uma fêmea (menina) e não de

um macho (menino) à medida que a mãe é castigada pelo marido por meio da rejeição e desprezo na dimensão da sexualidade e afetividade. Seu corpo não é mais digno de ser copulado, pois se tornara sujo, logo, repugnante.

Vendo-se menosprezada pelo marido, Maria Anita Silveiro também passa a rejeitar a filha, descuidando-se dela, amamentando-a pouco e até concordando que “o pai nomeasse oficialmente a filha de “Troçoieia Malvina Silveira”, revelando assim a misoginia do pai explicitamente. Assim, a identidade primeira da menina tem como marca a rejeição do pai, na medida em que foi nomeada de “Troçoieia”, que é sinônimo de “coisa” ou objeto, acompanhado de um segundo nome. “Malvina” indica que ela é mal vinda à família e o sobrenome “Silveira” só lhe foi permitido usar para que a sociedade não suspeitasse de que a menina poderia ser fruto de uma relação extraconjugal.

A identificação imposta à protagonista, centrada no sexo biológico, se contrapõe à noção de identidade defendida por Hall (2006) por esta tornar-se uma "celebração móvel", formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Jamais qualquer processo de construção de identidade seria algo finalizado, nem mesmo quando a construção é imposta via poder alheio. Sempre haverá brechas de resistência.

Desse modo, Troçoieia insiste em existir e resiste ao menosprezo de sua família, confinada ao espaço da casa onde aprendera muito cedo a se virar sozinha.

Solitária aprendera quase tudo por si mesma, desde o pentear dos cabelos até os exercícios mais difíceis de matemática, assim como se cuidar no período dos íntimos sangramentos (EVARISTO, 2011:21).

A descoberta e as transformações do seu corpo, o contato com a menarca, um momento tão especial na vida de uma menina em sua plena entrada na adolescência, não puderam ser divididos com a mãe, pois ela não era tratada como pessoa humana, mas simplesmente por coisa, troço, Troçoieia, enfim. Tamanho desprezo é fundamentado na cultura patriarcal sexista em que a identidade é definida com base na diferença sexual, considerada como o aspecto mais importante para a organização da sociedade. Os silêncios começam a ser interrompidos por Troçoieia na medida em que ela entra em contato com o espaço público, passando a adquirir uma maior consciência das marcas do patriarcado na sua vida como podemos observar:

E foi então na ambiência escolar, ao ser vítima de deboches dos colegas que a menina Silveira atinou com a carga de desprezo que o pai e a mãe lhe devotavam e que traduzia no nome que haviam lhe impôs (EVARISTO, 2011:21).

Na passagem acima pode-se verificar o início da ruptura da mordação do patriarcado, fundamentado na consciência sobre a imposição de um nome complicado desde o nascimento. Neste momento, a menina passa a se revoltar com o patriarcado legitimado pelas instituições (família, igreja, escola) e demais espaços da sociedade que o representam.

Mas para a surpresa da família, a menina Silveirinha se negava a responder qualquer chamado, em que seu nome, aquele de registro e de batismo, não fosse inteiramente dito. Na escola, em casa, na vizinhança, na igreja e em qualquer lugar que fosse, ela se desconhecia como Silveirinha (EVARISTO, 2011: 22).

Ao assumir essa identidade, Troiçoleia, passa a demonstrar, tanto para seus pais como para a sociedade, seus sentimentos de raiva, indignação e revolta por ser identificada por um nome que a colocou num lugar de indiferença, de rejeição e isolamento do convívio familiar e social. Na perspectiva de romper com esse lugar de insubmissão ao poder patriarcal, ela estabelece algumas estratégias – ora de ataque, ora de defesa:

Ostensivamente, ignorava a presença dos dois, não só na intimidade familiar, mas fora dela também. Dentro da casa tateava o espaço como se estivesse no escuro, ou melhor, no escuro estava, pois andava de olhos fechados quando percebia qualquer proximidade dos dois. Não suportava vê-los. Recusava-se sentar à mesa, alimentava-se no quarto ou na cozinha, e como uma sombra, quase invisível transitava em silêncio, de seu quarto ao banheiro e à cozinha, mesmo entre seus irmãos (EVARISTO, 2011:22).

O propósito da menina era reverter a situação, utilizando das mesmas atitudes de seus pais: da indiferença, do desprezo, da invisibilidade, da negação de sua existência. É com essas atitudes que Troiçoleia, mais uma vez, mostra sua revolta. E assim, ela se faz ser notada por todos naquela casa.

Passaram-se anos e a menina se transformava em adulta, mas o desprezo se fazia presente tanto por parte de Troiçoleia como de sua família. Até mesmo as novas gerações (sobrinhos/os, primas/os) estranhavam os comportamentos da tia, bem como o nome que ela carregava.

Com a morte de seus pais, Silveirinha, aos trinta anos, rompe definitivamente com essa cultura da opressão com a mordação do patriarcado, as marcas escolhidas pelo patriarca que a tornaram invisível e calada, o que acaba fazendo com que a moça possa, finalmente, autoneamar-se como Natalina Soledad. O nome escolhido pela protagonista da narrativa indica a ruptura com a linhagem patriarcal – Silveira – com o silêncio instituído pelo patriarcado,

apontando para o começo de uma nova vida. A afirmação de sua nova identidade passou pela tomada de consciência sobre sua situação de opressão de gênero. Natalina obviamente se refere ao seu nascimento e a uma saudade implícita – “una soledad”, talvez daquela que só poderia nascer agora.

Assim, pode-se concluir que o texto ficcional de Conceição Evaristo, a partir de sua escrita, especialmente nessa narrativa, apresenta uma crítica, ao determinismo biológico surge de uma marca genetal em que as relações desiguais de poder são estabelecidas no espaço do privado e no espaço público. As relações de poder, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos apontam conseqüências negativas na construção da identidade de mulheres e homens.

Os entrelaçamentos dos conceitos de gênero e do patriarcal, presentes na narrativa, nos ajudam explicar como estão conformadas as desigualdades de gênero e como estas se manifestam nas diferentes formas de opressão, dominação e violência contra as mulheres na atual sociedade contemporânea. As manifestações patriarcais se expressam na cultura por meio da naturalização das diferenças sexuais, bem como por meio do pensamento (atitudes) andrógino, sexista, machista, racista entre outras.

A conservação da ordem hierárquica com a autoridade do masculino sobre o feminino e a manutenção dos papéis sociais ainda estão bem presentes nas famílias patriarcais. A figura masculina tem tradicionalmente sido vista como “chefe da família”, o patriarca da casa que toma as decisões subjetivas e materiais no espaço da casa, tendo domínio sobre a vida das mulheres e crianças que o cercam. Esse papel, recentemente, tem sofrido algumas alterações conforme às mudanças na dinâmica social e na forma como estão configuradas as relações de trabalho e a própria família. Isto se deve principalmente a interferência do feminismo enquanto pensamento e, enquanto sujeito político que ao longo de sua atuação em diferentes contextos tem questionado o sistema patriarcal em todas suas formas de representação.

Nesse sentido, a literatura crítica feminista (teoria e ficção) tem colaborado de forma significativa com o confronto desses conceitos, perspectivas e representações sociais.

Portanto, no conto que foi analisado, o fato de a menina rejeitada, ridicularizada via nomeação, conseguir sair desse lugar tão negativamente marcado, apropriando-se de sua vida e de seu processo de construção identitária, indica resistência e mudança. A protagonista não se acomoda nas asas da opressão, mas bate seu próprio vôo, busca seu próprio nome, garantindo seu (re) nascimento ao final – Natalina vive!

1.3 Voz e Silêncio

Uma mulher deve ter o direito de escrever a sua história e de outras mulheres, revendo as narrativas e captando outro tempo.
Lídia Possas (2008).

Voz significa faculdade de falar; grito, clamor, queixa, conselho; sentimento; opinião; impulsão; rumor, ruído. Essas indagações me fizeram refletir sobre a ponte que liga a voz e o silêncio feminino. Compreende – se a voz como uma libertação, ou seja, o empoderamento da mulher na sociedade conquistando posições sociais que lhe foram negados por um patriarcado marcado por opressões, humilhações, cárceres privados, mas, muitas mulheres conseguiram se libertar dessa forma de opressão rompendo com esse silêncio, aqui compreendido como uma das diversas formas de aprisionamento feminino. Segundo Alves (1991), a mulher ocupa espaço na sociedade de reivindicação do acesso à voz.

Essa voz tangente ocorre por meio da escrita conforme Lispector (1999, p. 156):

Não basta só aprender ler e rascunhar o nome, da leitura se faz necessário saber fazer outras sabedorias, era preciso autorizar escrever o texto da própria vida, assim, como era preciso ajudar a construir a história dos seus e que era preciso continuar decifrando os vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás e perceber que por debaixo da assinatura do próprio punho outras letras e marcas havia.
Lispector (1999)

A voz compreendida é da mulher que superou o período histórico da antiguidade até a contemporaneidade, conseguindo se empoderar e se libertar do aprisionamento que assolavam suas vidas. Muitas conseguiram superar o silêncio que por muito tempo foi vivenciada pelo ser feminino, a mulher não tinha direito de fazer suas escolhas tais como se vestir, escolher sua carreira profissional, com quem poderia se relacionar. Embora muitas se libertaram desse patriarcado, mas, na atual conjuntura segundo Del Priore (2016) há muitas mulheres que ainda vivem amordaçadas, não conseguiram quebrar o silêncio dentro delas mesmos, há uma historicidade por traz dessa mudez.

E quebrar esse silêncio se faz necessário para compreender que existem inúmeras formas de reflexões e de indagações, se resumem ao desconhecido que é o sentido da vida. Na redescrição do Filme A cor Púrpura que será abordada no próximo capítulo o silêncio irá abranger dois importantes pontos: o indizível e o vazio. Quanto à simbologia do silêncio, ele significa um “prelúdio de abertura à revelação, o mutismo; o impedimento à revelação, seja pela recusa de recebê-la ou de transmiti-la [...]” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1999, p. 834).

O desafio do silêncio será compreender o que está por trás dele. Isso depende da circunstância em que se dá esse silêncio e também dos elementos envolvidos. Saber quem são

os indivíduos e quais as situações em que o silêncio está presente faz diferença para que se possa compreender ou investigar o sentido do silêncio, bem como para que seja possível diferenciar silêncio de silenciamento. Seja em sentido positivo ou negativo, o fato é que o silêncio produz significados. Desde uma concepção positiva, podem-se encontrar diversas formas de silêncio, como o silêncio das emoções, o místico, o da contemplação, o da introspecção, o da revolta, o da resistência, o da disciplina, o do exercício do poder. São sentidos positivos que mostram a importância do estar em silêncio, de acordo com o que a situação exige. (ORLANDI, 2007, p. 42). Como podemos, então, compreender o silêncio?

Diríamos que o silêncio não é interpretável, mas compreensível. Compreender o silêncio é explicitar o modo pelo qual ele significa. Compreender o silêncio não é, pois, atribuir-lhe um sentido metafórico em sua relação com o dizer (“traduzir” o silêncio em palavras), mas conhecer os processos de significação que ele põe em jogo. Conhecer os seus modos de significar. (ORLANDI, 2007, p. 50)

Orlandi (2007) ao significar o sentido do silêncio percebe-se que em alguns momentos da história, a mulher se calou para resistir e compreender o processo de sofrimento e tortura que era submetida, o silêncio a impulsiona dar voz aos desejos antes aprisionados.

2. AS RUPTURAS E AS TRANSFORMAÇÕES DE VIDA NAS NARRATIVAS DO FILME A COR PÚRPURA

Este capítulo privilegiará os momentos de ruptura e transformação das Protagonistas Celie e Nettie que irão demonstrar as transformações ocorridas em suas vidas. Para isso é necessário utilizar as categorias e conceitos tais como: violência, patriarcado, memórias e redescrição.

O filme retrata uma realidade vivenciada pelas mulheres negras no fim do século XIX e início do século XX nos Estados Unidos, enfatiza a mulher negra e semi-analfabeta que foi criada em uma cultura sulista. A *Cor Púrpura*⁹ retrata a vida de duas irmãs Celie e Nettie.

A obra recebeu o título *A Cor Púrpura* por significar transformação. Em vários momentos da trama perceber-se-á essas transformações ao que diz respeito à protagonista. A cor púrpura nesse capítulo descreve o pigmento como a mais singular e extravagante de todas as cores. E por ser uma cor de tonalidade marcante, as pessoas mais a rejeitam do que a apreciam. É roxo, púrpura, violeta ou lilás. É considerada a cor da magia, da teologia, do feminismo e do movimento gay. Do poder, da penitência e da sobriedade. Está ligada ao mundo místico e significa espiritualidade, magia e mistério. A púrpura transmite a sensação de tristeza e introspecção. Estimula o contato com o lado espiritual, proporcionando a purificação do corpo e da mente, é a libertação de medos e outras inquietações. É a cor da transformação evidenciada no filme.

Com base nessa compreensão, buscou-se a utilização do filme *A Cor Púrpura* como um instrumento, uma chave da qual a autora se apropria para entender e elaborar um enfoque que dê conta de articular o feminismo, o aprisionamento e a libertação contribuindo, assim, para ampliar o horizonte sobre as questões tão relativas às mulheres. Essa é a escolha. Optou-se pela redescritção por poder contar, recontar uma história podendo dar asas a imaginação.

Celie é descrita como mulher negra, pobre, semi-analfabeta, caipira, violentada e estéril. Vendida por seu pai Alphonso para um homem mais velho conhecido pelo nome de Sinhô, o mesmo é pai de 4 crianças mal educadas. O ciclo da violência foi reproduzido pelo marido que submete à exploração doméstica, humilhações, discriminações, racismo, estupros e espancamentos.

Nettie é a irmã caçula de Celie, ela é narrada como uma menina negra bonita, sorridente, inteligente e atraente. Despertava desejos sexuais em seu pai e em seu cunhado.

A protagonista Celie teve seu direito negado e por ser uma criança negra sofre com o racismo que continua na adolescência e vida adulta. Aos 14 anos é abusada sexualmente pelo próprio pai, em consequência teve três gestações indesejadas e ao conceber cada filho não teve o direito de conhecê-los, pois, ambos foram retirados de seus braços logo após o nascimento. O primeiro filho foi morto pelo próprio pai e os outros sobreviventes foram doados sem o

9- *A Cor Púrpura* (em: *The Color Purple*), é um filme estadunidense de 1985, do gênero drama dirigido por Steven Spielberg baseado no romance epistolar da premiada afroamericana Alice Walker, que trata de questões de aprisionamento e libertação feminina.

consentimento da mãe e foram adotados por um casal que não podia ter filhos. Destacam-se violações contra a mulher, sendo descrita como objeto a disposição do homem.

Logo após o casamento, Nettie passou a morar com Celie. Está jovem negra bem apresentada e alfabetizada passa a conviver na residência de sua irmã e aproveita o curto espaço de convivência na casa da irmã para alfabetiza lá. Apesar das diferenças ambas nutriam um sentimento recíproco e fraterno.

Albert marido de Cellie um homem perverso, agressivo, cruel, infiel, violento e rude. Usava de sua força bruta para perseguir sua cunhada. Ela não se submetia as violências do cunhado o que levou a sua expulsão da casa da irmã.

Celie possuía uma visão periférica sobre a sexualidade e compreendia o ato sexual como uma das obrigações de esposa. Isso fica claro na seguinte frase: “Sinhô trepa em cima de mim, faz o serviço dele, dez minuto depois a gente ta dormindo”.

Essa rotina permeava a vida de Cellie que constantemente era humilhada pelo marido que a insultava dizendo: “Você é negra, pobre, mulher, você não é nada”. Em ato de socorro para se libertar emocionalmente, escreve cartas endereçadas no primeiro momento a Deus e no segundo momento a sua irmã. Essas escritas não foram enviadas, era uma forma que encontrava para aliviar a sua alma.

A infidelidade pelo marido não era ocasional, Albert possuía uma amante com o nome de Sugar e por ela realmente nutria sentimentos. Ultrapassando todos os limites de desrespeito com sua esposa, o mesmo decide levar à amante que se encontrava doente para morar em sua residência com sua família. Celie não pode questionar a decisão do marido porque ele a tratava como doméstica e objeto sexual. No início a amante também trata Celie como uma serviçal, mas com a convivência o improvável acontece, a convivência diária entre esposa e amante ambas passa a ser amigas. Sugar tratava Celie com respeito e carinho. Essa convivência despertou um sentimento em Celie que nunca havia imaginado e sentido antes. Apaixonou pela amante do seu próprio marido.

A primeira vez que eu vi um corpo negro inteiro foi o da Docí Avery com os bicos do peito que nem ameixa preta, parecendo a boca dela, eu pensei que eu tinha virado homem... [...] Eu lavei o corpo dela, parece que eu tava rezando. Minhas mãos tremiam e minha respiração ficou presa [...].

Essa relação paradoxal é o início da emancipação de Celie. Sugar uma mulher independente, com uma vivência desacerbada colabora para o rompimento do ciclo de violência cometido contra a protagonista.

O título do filme não foi escolhido aleatoriamente, A Cor Púrpura representa o racismo, a submissão e a violência. É o marco histórico das mulheres sulistas dos Estados Unidos. Perpetuando até o momento. Contudo, demonstrou a trajetória da mulher do passado submissa e explorada para a mulher contemporânea, em relação à violência cometida sob o viés da sexualização.

Com tantos adjetivos e tabus sobre a cor púrpura é necessário uma visão desprovida de preconceitos que possa enxergar além do olhar, é preciso olhar com os olhos da mente, pra poder enxergar além do que se vê. E para quebrar essa barreira sobre a cor púrpura se faz necessário vencer o preconceito instalado dentro de nós e somente após ter vencido essa barreira poderá enxergar além.

A protagonista conseguiu romper com as violências e abusos sofridos na trajetória de sua vida desde a infância até a maturidade, a mesma foi capaz de desatar as amarras de sua vida que era um aprisionamento e essa ruptura possibilitou práticas de superação, libertação e empoderamento feminino. Celie passa a ter voz, mas, por muito tempo necessitou se silenciar.

2.1 Redescrição do filme a Cor Púrpura

“A minha infância de menina sozinha deu-me duas coisas que parecem negativas, e, foram sempre positivas para mim: silêncio e solidão”.
Cecília Meireles (1994)

A primeira cena do filme captada pelo foco da câmera mostra 02 meninas negras brincando em meio a uma plantação de flores na cor púrpura conforme demonstrado na figura 3. Havia uma troca de cumplicidade e harmonia entre elas. O céu azul é a única testemunha dessa alegria que irradia a claridade do sol escaldante sobre elas. As irmãs brincavam, corriam e cantavam: “Sempre Juntas”, ao decorrer da cena, saí percorrendo de dentro da plantação uma das meninas que mal conseguia andar direito, pois, o barrigão a atrapalhava caminhar. Por um instante parou, olhou para o céu e retirou o chapéu marrom sobre a cabeça, o cabelo estava coberto por um lenço.



Figura 3-AS IRMÃS NETTIE E CELIE BRINCANDO E CANTANDO
 Fonte: SPIELBERG, 1985

Eis que se aproxima um homem negro com chapéu na cabeça e óculos de grau no rosto, sua aparência é de aproximadamente 40 anos de idade, caminhando em direção as meninas com os passos apressados, as meninas se encontravam abraçadas, uma vestida com um vestido de renda, uma fita dourada de aproximadamente 10 centímetros amarrado na cintura e um chapéu vermelho na cabeça, a outra estava vestida com um vestido longo de cor laranja, com botões do pescoço até a canela, um lenço amarrado na cabeça e um pano na mão esquerda. Quando o homem chega próximo, ele acena com a mão e chama Netie, Netie está na hora de voltar para casa agora.

O homem diz: Muito bem meninas, está na hora de ir.

Nesse momento Netie se abaixa e pega um lenço que estava sobre as flores, às meninas continuaram rindo uma para outra. Eis que sem motivos o homem parado observando as meninas sorridentes diz: Celie, você tem o sorriso mais feio deste lado da criação.

A segunda cena mostra um quarto escuro, as paredes sem reboco. Celie estava deitada sobre a cama, gemendo e gritando de dor, pois, estava em trabalho de parto. O vento frio do início da noite invadia o quarto fazendo com que a porta abrisse e fechasse sozinha. Ao lado da cama uma bacia com água suja de sangue e uma toalha branca, Netie molha a toalha

mergulhando-a nessa bacia, quando de repente o pai segurando uma lamparina entra no quarto e pergunta:

-Isso não acabou ainda?

A cumplicidade entre as irmãs as deixavam unidas, no momento do parto, ali mesmo naquele quarto simples e sem recursos Netie fez o parto de Celie.

Netie disse:

- É menina

Netie repetia sorrindo de alegria:

-É menina

Netie enrolou a menina em um pano e entregou a Celie, este momento de emoção durou menos que sessenta segundos, pois, seu pai a arrancou a recém nascida de seus braços.

Celie chorando disse:

-Não! Não!

Netie espantada fazia sinal para Celie ficar quieta.

Celie gritava:

-Eu quero ela.

-Não.

Netie consola sua irmã abraçando-a.

Celie grita:

-Não

Seu pai com o olhar fechado e expressão marcante, com a criança em seus braços disse:

-É melhor você não contar isso a ninguém além de Deus, mataria sua mãe.

A terceira cena demonstra que o dia havia amanhecido e Celie caminhava sozinha tendo a brisa da manhã como companheira e o vento como seu confidente no momento em que desabafa com Deus.

Querido Deus,

Eu tenho quatorze anos de idade. Sempre fui uma boa menina. Talvez o senhor possa me dar um sinal e dizer o que está acontecendo comigo.

Um dia meu pai me disse: Você não faz o que sua mãe faria. Agora eu tenho dois filhos do meu pai, um menino chamado Warley. Ele é muito ruim, ele o levou enquanto eu estava dormindo. E uma menina chamada Olivia, que ele tirou dos meus braços. Aí minha mamãe morreu, chingando e gritando, com o coração partido.

Celie caminhava por uma estrada nevada, enquanto seu pai estava a caminhar a sua frente puxando uma carroça, no percurso do caminho a garota conversava com Deus no íntimo do seu ser dizendo:

Querido Deus,

Ele age como se não me suportasse mais, eu acho que ele tenha matado a minha filhinha. Soube que ele vendeu para o reverendo e a mulher dele. Eu fico torcendo para que ele se case logo de novo. Eu vejo ele olhando para minha irmãzinha e eu fico com medo. E eu digo: eu vou cuidar de você com a ajuda de Deus.

Após o monólogo ela continuava a andar, e enquanto caminhava as lágrimas e os soluços eram sua fiéis companheiras.

No diálogo com Deus, Celie expressa como se conversasse enfrente ao espelho, isto é, se reconhecendo enquanto sujeito em processo de alteridade. Observe que em seu diálogo ela fala para se reconhecer enquanto ser, “eu sou”, “eu sempre fui”. Observa-se que há uma necessidade de reafirmar o seu lugar no espaço social. Celie demonstra ser uma menina frágil, ela se faz forte para proteger sua irmã Netie para não ser também abusada sexualmente pelo próprio pai. Com todo sofrimento e dor a protagonista conseguia defender Netie. Corroborava com esse entendimento a poesia de Santana:

A menina que embora finja ser forte é frágil como cristal, que por dentro sangra enquanto carrega um sorriso forçado nos lábios, que traz do passado cicatrizes profundas advindas de diversas decepções, a menina cujos olhos vivem marejados de lágrimas, mas que finge sempre que está tudo bem, quando na verdade o que quer é um ombro pra chorar. A garota que aprendeu que não adianta sonhar, pois a vida vem mostrando-se ao longo do tempo um pesadelo maquiado. A menina que não quer mais amar, pois sempre ama quem não se importa em vê-la sofrer. Aquela que as pessoas teimam em machucar e não se preocupam com os sentimentos dela, pisando neles como se fossem flores murchas de um jardim destruído esfacelando assim suas esperanças, a garota que vive em busca de algo que a cada dia torna-se mais difícil de achar a Felicidade.

A felicidade para Celie parecia não existir, pois, a cada passo que dava em sua caminhada retornando da cidade para a fazenda refletia em sua vida e concluía que era triste e infeliz, enquanto caminhava até chegar a casa Celie parou no quintal próximo a carroça e ficou refletindo, sua irmã estava na varanda de frente para a carroça. O pai ao adentrar a calçada de sua residência se deparou com Nettie e foi logo abrindo um sorriso largo, a mesma deu um passo à esquerda para que ele passasse, mas, ele acompanhou o movimento da filha, era uma forma de intimidá-la. Celie de longe a observar sussurrou:

-Eu fico torcendo para que ele se case logo de novo, eu vejo ele olhando para a minha irmãzinha e ela fica com medo e eu digo:

-Eu vou cuidar de você com a ajuda de Deus.

Os laços de afetos entre Celie e sua irmã Nettie eram visíveis, onde uma protege a outra, e as duas unidas buscavam fortalecer-se e crescer emocionalmente. Primeiramente, Celie

resguarda Nettie contra o assédio sexual do suposto pai, se refere como suposto, pois, com o desenrolar da trama as protagonistas descobrem que o pai na realidade era seu padastro.

A quarta cena do filme sucede com o entardecer do dia, mas, não se trata de um entardecer brilhante, muito pelo contrário o cenário é sombrio, sem vida, triste. O episódio focado pela câmera está localizado na zona rural e mostra a imagem de uma igreja pintada de branco desbotado, de longe se avistava o sino parado sobre o telhado, na parede da frente duas janelas largas, no terreno havia três carroças com um cavalo em cada transporte. Na lateral um pinheiro e no fundo avistava uma mata com o verde apagado.

A quinta cena inicia-se focalizando o sino em cima da igreja, lentamente vai descendo e mostrando a lateral da igreja com três janelas grandes e sete crianças do sexo masculino vestidos de calça e terno, todos com boina na cabeça. Chegaram empurrando uma carroça de madeira, e pararam enfrente a terceira janela e ficaram espiando casamento dentro da igreja.

Após o falecimento da mãe, o suposto pai casa-se com uma menina tão jovem quanto Celie.

“Querido Deus, ele chegou em casa com uma moça da cidade vizinha chamada Gray, ela deve ter quase a minha idade. Mas, se casaram mesmo assim. Minha irmãzinha, Nettie, tá com um homem sempre olhando pra ela. A mulher dele morreu. Ela foi morta pelo namorado dela voltando pra casa da igreja. Ele só tem três filhos. Ele viu a Nettie na igreja e agora todo domingo de tarde o Sinhô vem cá.

Ao entardecer do dia um homem montado a cavalo conhecido como Sinhô se aproxima da casa de Celie e Nettie. Na varanda da casa, o pai das garotas estava sentado em uma cadeira de balanço, eis que se aproxima o cavaleiro sem apelar do cavalo retira o chapéu da cabeça, coloca a mão esquerda sobre a cintura, dá um largo sorriso e fitando os olhos do pai das meninas diz:

-Eu quero casar com sua Nettie, eu precisava arrumar uma mulher agora, eu não tenho ninguém para olhar os meus filhos pequenos. Eles têm brigado e se ferido, e virado a casa de cabeça para baixo. E eu tenho que cuidar da minha fazenda. Bom, eu vou cuidar muito bem da sua Nettie.

Enquanto o cavaleiro falava sem parar, as irmãs estavam por de trás da janela a espiar, Nettie com o olhar de menina assustada enquanto Celie estava tranquilamente comendo uma maçã.

O pai de Nettie responde a fala do cavaleiro da seguinte forma:

-Não posso te dar a Nettie é muito jovem.

As meninas continuavam a escutar o pai escondido, elas não se contentam de alegria ao escutar a negativa do pai.

Por um segundo de silêncio, o pai reflete e diz:

-Mas, tem outra, posso te dar a Celie. Afinal ela é mais velha e deve se casar primeiro. Ela não é mais moça, mas, acredito que já saiba, ela se perdeu duas vezes. A Celie é feia, mas, nunca teve medo do trabalho duro e pode aprender. Deus já a castigou pode fazer o que quiser como quiser que ela não vá lhe dar um filho para aumentar a despesa com a alimentação. Mas, Nettie você não pode ter nem agora, nem nunca.

O cavaleiro responde:

-Bom, eu nunca nem olhei para outra antes. Deixa eu dar uma olhadinha.

O pai então chama pela Celie.

-Celie, o senhor aqui quer lhe vê.

Neste momento Celie aparece na varanda, e o pai diz:

-Vai lá, ele não morde.

A menina caminha em direção do cavaleiro que tem a idade para ser seu pai. Com a voz exclamando seu pai diz:

-Dá uma volta.

A garota assustada obedece girando desconcertada.

Sinhô decide casar-se com Celie e Nettie foge para morar na nova casa com sua irmã. O marido de Celie aceita a situação devido ao seu interesse sexual pela garota. Durante esta estadia na casa de Celie, Nettie a incentiva a estudar. O ato de ensinar e aprender a ler e a escrever, é enfatizado na trama como uma ação capaz de gerar mudanças, fortalecer laços sociais e caminhar em direção à autolibertação. No trecho distinguimos o reconhecimento de Celie pela ação womanist¹⁰ da irmã em lhe ensinar “a ler sobre as coisas do mundo”.

Ela fica sentada lá comigo descascando ervilha ou ajudando as criança no ditado. Me ajudando no ditado e em tudo o mais que ela acha que eu preciso saber. Num importa o que acontece, a Nettie pejeja pra me ensinar o que ta acontecendo no mundo. E ela é boa professora também. Eu quase morro quando penso que ela pode casar com alguém como Sinhô ou acabar se matando na cozinha de alguma madame branca. Todo dia ela lê, ela estuda, ela pratica a caligrafia, e tenta fazer a gente pensar. Na maioria dos dias eu to muito cansada para pensar. Mas Paciência é outro nome dela.

O filme *A Cor Púrpura* ressignifica – se com a idéia womanista através das personagens femininas principais Nettie e Celie, possibilitando recriar a narrativa literária na tela do cinema, gerando, dessa forma, novas interpretações. Analisando a construção das personagens cinematográficas e sua relação com o womanism, destacam-se as escolhas feitas pelo diretor

10- Esse termo se refere a um tipo de movimento feminista negro, Womanism é um termo criado pela escritora Alice Walker e utilizado pela primeira vez em seu romance *In Search of Our Mother's Garden: Womanist Prose*, de 1983.

em traduzir os valores “womanistas” – amizade, amor, harmonia, perdão e consciência espiritual (MAPARYAN, 2012, p. 43) manifestado nas irmãs.

Vale ressaltar a cena utilizada no filme para compreender o womanism de Nettie podendo ser percebida na cena em que as irmãs estão estendendo lençóis para secar, na fazenda de Albert. Enquanto ajuda Celie nos trabalhos domésticos, Nettie comunica, de maneira enfática, que não voltará a morar com Alphonso, preferindo morrer se tiver que retornar ao antigo lar. Esse diálogo é apresentado em um plano geral, no qual Celie, ao contrário da irmã, é filmada por trás de um dos lençóis, exibindo apenas sua sombra (Figura 4).



Figura 4 - Analogia entre Celie / Nettie – Sombra e Luz
Fonte: SPIELBERG, 1985

Empreendemos nessa cena a reflexão sobre a possível crise de identidade da protagonista em contraposição a autoconsciência de Nettie. Nesse contexto, sombra e luz, possibilita a enxergar uma das personagens de forma nítida simbolizando sobre a ótica da visão sobre o lençol a alienação existente de Celie e, por conseguinte, sua posição subalterna, em

contraste com o discernimento de sua irmã, que foge de casa para não se submeter aos abusos do pai.

Outro fato que corrobora para essa interpretação da cena é a organização fundamentada no nível de maturidade de cada personagem. Celie se espelha em sua irmã caçula para conseguir sair da condição de alienação. Contudo, Nettie incentiva a Celie a lutar e a mesma responde dizendo: “Eu não sei lutar, eu sei é ficar viva”. Celie faz referência a sua condição de vida, pois, sempre foi maltratada pela figura masculina. É explícita a diferença de tratamento recebido entre Nettie e Celie, tanto pelo seu pai e por Albert.

Embora Nettie resida na casa de sua irmã, a mesma não aceita se submeter aos assédios de Albert. A personagem enfrenta a autoridade patriarcal, assegurando que não se submeterá as suas imposições e na tentativa do cunhado em tentar agarrar a força, a mesma chuta seus órgãos



genitais e essa atitude resulta em expulsão conforme a (figura 5).

Figura 5 -A separação das irmãs
Fonte: SPIELBERG, 1985

Na narrativa do filme as irmãs são obrigadas a se separem de uma forma bruta e violenta, mesmo com a dramática situação vivenciada Nettie manifesta uma voz desafiadora e diz a Celie: “Nada além da morte me separará de você”. Nesse momento percebe-se uma atitude encorajada de Celie gritando “Escreve”, essa ação é um dos primeiros passos para sua libertação, tendo a carta como instrumento emancipatório. A voz expressada clama pelo direito de viver, seu espírito “womanista” enfrenta a autoridade patriarcal.

Após Nettie ser expulsa de casa ela endereça cartas a sua irmã, mas, Celie era reprimida por seu marido que a proibia de chegar perto da caixa dos correios. Albert escondia as cartas endereçadas a sua esposa.

O tempo passou a pequena Celie cresceu, quando tinha aproximadamente trinta (30) anos de idade, seu marido a deixou sozinha em casa a noite para ir à estréia de um show chamado “Estrela da sorte”, a cantora e dançarina que iria se apresentar na casa noturna se chamava Shug Avery, este episódio ocorreu no verão do ano 1916.

Enquanto Albert se divertia na casa noturna, Celie pensava:

- Céus, ela disse que iria escrever, mas nunca, me escreve.

-Ela disse que só morta podíamos nos separar, talvez ela tenha morrido.

É perceptível a expressão de tristeza e dúvidas no olhar de Celie, pois, a esperança de reencontrar sua a irmã lhe fazia forte a continuar sobrevivendo em um lar que era maltratada pelo marido e pelos enteados. Pois, além de Deus, Celie só recebeu amor e afeto pela sua irmã.

Ao longo de sua trajetória a protagonista não tinha com quem desabafar e a forma que encontrava de conversar e de se expressar era falando com Deus. Nesse momento ela fala sobre o seu enteado Harpo.

-Querido Deus!

-Harpo está apaixonado por uma moça chamada Sofia.

-Eu vejo os dois andando pela estrada, marchando como se estivesse indo para a guerra.

A personagem Sofia é uma mulher destemida e de personalidade forte que se recusa a obedecer Harpo, o que gerava vários problemas entre o casal. A personagem não aceitava ser submissa ao marido e na relação de poder, a mesma se sobressaía ao patriarcado. Em contrapartida, Harpo não conseguia dominar a sua esposa e foi reclamar para o pai a forma que era tratado, Albert pergunta ao filho:

-Já bateu nela?

Harpo responde:

-Não Senhor

Albert fala:

-Então como é que ela vai obedecer, mulher é como criança você tem que mostrar logo quem manda na casa, nada que uma boa surra para isso.

Harpo é incentivado pelo pai e pela própria madrasta a bater em Sofia. Em um momento que o enteado pergunta para Celie o que fazer com a esposa. A mesma responde:

-Bate.

O enteado segue os conselhos e tenta bater em sua esposa, mas, quem acabou apanhando foi o próprio. Sofia foi questionar com Celie por que ela incentivou Harpo a tentar bater. Sofia disse a Celie:

-Você disse para o Harpo para me bater, toda a minha vida eu tive que lutar, eu tive que lutar com o meu pai, eu tive que lutar com os meus tios, eu tive que lutar com os meus irmãos. Uma moça não está segura em uma família de homens, mas, eu nunca pensei que tivesse que lutar dentro da minha própria família, dentro da minha própria casa. Dona Celie eu amo o Harpo, Deus sabe que eu o amo. Mas, eu mato ele antes de deixar que ele bata em mim. Se a senhora quer um enteado morto dona Celie, fica aconselhando ele como a senhora está fazendo.

Após essa fala de Sofia, a personagem principal do filme evolui em sua luta pessoal na busca de sua independência e identidade pessoal. Celie começa a enxergar Sofia como uma mulher forte e admirável. Esse momento é o segundo passo rumo a sua libertação interior, pois, durante todo o percurso de vida sua trajetória foi marcada pela dominação, pela violência e pelo estupro.

Essa reflexão foi crucial para o início de sua força capaz de libertá-la de seu cárcere, nesse sentido, Celie queria era ser aceita por ser quem ela era: uma mulher negra, digna, honesta e sofrida. Após essa reflexão Celie estreita seu convívio com Sofia, mulher negra admirada. É ao lado de sua nora que a personagem vai vivenciar a sua segunda experiência womanist. A sábia Sofia tem consciência de que o desenvolvimento sentimental da mulher negra perpassa pela sua experiência existencial com os homens negros e o universo dos brancos. É, portanto, a personagem Sofia quem leva Celie a apreender a importância da autoestima e da solidariedade.

Mediante ao processo de se reconhecer como mulher negra e conquistar seu espaço, Sofia foi uma peça fundamental para a evolução da autoestima de Celie. Rosenberg (1965) afirma que a auto-estima pode ser definida como a avaliação que o indivíduo faz e mantém sobre si próprio. Nesse sentido, Vaz Serra (1986), afirma que a auto-estima é a faceta mais importante do auto-conceito, e encontra-se associada aos aspectos avaliativos que o sujeito elabora a seu respeito.

Burns (1979) afirma que o conceito de auto-estima:

É visto como um processo avaliativo e afetivo, uma vez que o sentimento que o indivíduo nutre relativamente a si próprio está associado às avaliações que faz das suas qualidades, habilidades e desempenhos. A auto-estima como processo avaliativo representa para o sujeito uma auto-avaliação dos seus resultados, capacidades e atributos, de acordo com os seus padrões pessoais. Já a auto-estima como processo afetivo enfatiza a mensuração e valorização emocional e comportamental da anterior auto-avaliação.

A autoestima narrada na trama é evidenciada nas próximas narrações. Pois, por um período curto de tempo a protagonista teve que silenciar novamente, pois, Albert levou para morar e conviver dentro de sua casa a amante Shug, se encontra adoecida e sem ninguém para cuidar-lhe. Por ironia do destino, a esposa se vê obrigada a zelar pela amante de seu marido.

Aos olhos do marido Shug é bonita, atraente, sensual, alegre e sobretudo livre. Era o oposto de Celie. Em vez de sentir ciúmes de Shug, Celie sente admiração por ela e é inspirada por sua autonomia e independência da cantora de jazz. Essa reação inesperada representa uma fase importante na evolução de Celie, pois é somente através do olhar de uma outra mulher que ela consegue sentir felicidade e amor-próprio. E Shug não é uma mulher qualquer, pois ela é independente, livre, feliz e compartilha essa felicidade com Celie. Tal relação floresce como um amor romântico entre as duas.

A influência e o amor de Shug são os primeiros passos para Celie recuperar sua autoestima e sair do controle e opressão dos homens de sua vida. Mesmo que a expressão dos sentimentos homossexuais a colocassem em uma posição ainda mais inferior e arriscada na sociedade tão conservadora, Celie encontrou o amor verdadeiro somente nos braços de outra mulher, talvez expressando a idéia de que as mulheres, nessa história, só podiam confiar nas outras mulheres, em se tratando de questões emocionais. Fato evidenciado na (figura 6).



Figura 6 - O beijo
Fonte: SPIELBERG, 1985

Observa-se com essa cena o aspecto emancipador da protagonista, Shug teve uma importância em viabilizar a formação identitária de Celie. Por meio deste beijo Shug libertou Celie do trauma do passado e fez parte fundamental do seu desenvolvimento social.

Fernandes (2018) define trauma como:

Vivência precoce sexual invasiva, que são os contatos sexuais que além de abusivos e coercitivos são mais intensos/agressivos, como estupros e toques de genitália em terceiros contra a vontade da vítima; traumas emocionais relacionados a sentimentos de menos valia, quando a pessoa sente-se desvalorizada, que ninguém se importa com ela; ou ainda, traumas gerais relacionados a presenciar violências familiares.

Celie, sempre foi carente de afeto, cuidados e atenção. Sua infância sofrida fez com que se tornasse uma mulher endurecida, na realidade como haveria de sentir prazer se nunca o recebeu. A convivência com Shug proporcionou sensações nunca imaginadas e experimentadas. Despertará na protagonista o desejo de vivenciar a relação sexual? Ocorrerá à expressão do sorriso verdadeiro que nunca antes houvesse expressado como pode ser visualizado na (figura 07).



Figura 7 - A libertação do Sorriso
 Fonte: SPIELBERG, 1985

Na cena seguinte Shug aproveita a distração de Albert e vai até o carteiro recolher as correspondências, para sua surpresa havia uma carta endereçada a Celie. Em um gesto de cumplicidade ela entrega a mensagem para sua verdadeira dona.

Celie não acreditava que suas preces haviam sido escutadas, enquanto ela pronunciava cada linha da carta mais certeza tinha que sua irmã Nettie nunca havia lhe esquecido e que durante toda a vida havia lhe correspondido, mas, essas correspondências nunca haviam chegado a suas mãos, pois, seu marido as escondia.

Shug incentivou e ajudou a Celie a procurar pelas outras cartas que provavelmente estariam escondidas, e assim o fizeram. Procuraram por cada canto da casa até encontrar o restante.

O filme incentiva os telespectadores a desvendar segredos ao observar as cartas que compõem o romance. Escrever é uma forma de aliviar a dor e o sofrimento. E é a partir desta intromissão que o caráter womanist¹¹ da narrativa toma uma dimensão contemporânea e

¹¹ é uma teoria social profundamente enraizada na opressão racial e de gênero das mulheres negras. Existem diferentes interpretações sobre o que o termo significa e os esforços para proporcionar uma definição concisa e

universal, pois como propõe Kleiman (2008): “Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, é esperar alguma coisa. É um sinal de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que se vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer” (KLEIMAN, 2008 . p. 92).

"Querido Deus, Ele me bateu hoje porque disse que eu pisquei prum rapaz na igreja. Eu podia tá com uma coisa no olho, mas eu num pisquei. Eu num olho pros homem. Essa é que é a verdade. Eu olho pras mulher, sim, porque num tenho medo delas. Talvez porque minha mãe me botou maldição o senhor acha que eu fiquei com raiva dela. Mas não. Eu sentia pena da mamãe".

Em *A cor púrpura*, esse código epistolar é o embrião de uma criação literária que trafega na perspectiva pós-colonial e afrocêntrica¹². Conforme as palavras de sua personagem central Celie:

O jeito para você saber quem descobriu a América, Nettie falou, é pensar nos calombo. É parecido com Colombo. Eu aprendi tudo sobre Colombo no primeiro grau, mas parece que foi a primeira coisa que eu esqueci. Ela falou que Colombo veio aqui nos barco com nome de Nina, Pinta e Santamaría. Os índios foram ótimos pra ele e ele levou um monte deles forçado de volta com ele pra servir a rainha (WALKER, 1986, p. 19).

É interessante essa referência a Colombo no texto de Alice Walker. Historicamente são retratadas as intensas escritas de Cristovão Colombo, onde tudo era detalhado pelo italiano, tudo o que ouviu e se viu na ocasião a sua chegada à América, as ferramentas utilizadas para registrar esse momento foram seu diário e as cartas.

O desabafo feito através das cartas pela personagem representa os espelhos da memória, pois, Celie, em uma missão a África, resgata identidades submergidos no chão dos seus antepassados. A memória caracteriza – se como via de conquista, o que configuraria ter afundado nos caminhos transatlânticos que esparramaram os africanos no mundo inteiro em decorrência da escravidão.

abrangente têm sido apenas marginalmente bem sucedidos. <https://pt.wikipedia.org/wiki/womanist>.

¹²É uma ideologia dedicada ao estudo da história africana. Sua principal finalidade é buscar a autodeterminação e uma ideologia pan-africana na cultura, filosofia e história de divulgar e incentivar o nacionalismo e o orgulho étnico entre os afro-americanos como uma arma de efeito psicológico contra o racismo global. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Afrocentrismo>

O filme ilustra, dessa forma, a África que, mesmo inconscientemente, vive nas mentes, e na própria existência dos seus filhos exilados da diáspora. Trata-se de uma África espalhada pelo mundo inteiro, pois “afro”, neste texto, tem a dimensão de todo indivíduo, cultura, sociedade que possui na sua essência, a maternidade africana, ainda que em tempos e espaços diferentes. E, ao se espalhar, essa África também adquire diferentes identidades.

Nesse sentido, assim como o suporte epistolar há necessidade de observar à textualidade dessa história notória a vontade de mesclar o que está implícito do distante. Essa situação adquire extrema plasticidade no momento da narrativa feita à primeira Carta de Nettie para Celie:

Sábado de manhã a Doci botou a carta de Nettie no meu colo. A rainha gordinha da Inglaterra tava num selo, depois mais selo com amendoim, palmeira, seringueira e dizia África. Eu num sei onde é a Inglaterra. Também num sei onde é a África. Por isso, eu ainda num sei onde a Nettie ta.

Leitura e escrita são intervenções que aparecem inúmeras vezes na narrativa de Walker ocultos deste desejo, como vemos no texto da personagem Nettie sobre sua missão na África:

Eu nunca tinha percebido o tanto que eu era ignorante, Celie. O pouco que eu sabia sobre mim mesma não teria dado nem para encher um dedal. E imagine que a Dona Beasley sempre dizia que era a criança mais inteligente que ela já tinha ensinado! Mas eu agradeço a ela por uma coisa em particular que ela me ensinou, me mostrando como aprender por mim mesma, lendo e estudando e escrevendo claramente. E por ter mantido dentro de mim de alguma forma o desejo de SABER. Então quando Samuel e a Corrine perguntaram se eu iria com eles ajudá-los, a montar uma escola no meio da África, eu disse que sim. Mas só se eles me ensinassem tudo que sabiam para que eu fosse útil como missionária e para que eles não tivessem vergonha de me ter como amiga. Eles concordaram com esta condição, e a minha verdadeira educação começou aí.

Desse modo, a colocação do gênero epistolar no romance de Walker traz no seu íntimo a síntese relevante, a escolha de fugir e a intenção libertária, visto que *se* escreve por não poder falar. Nas palavras do filósofo francês André Comte-Sponville (2001), porém, não se pode, também, silenciar frente à distância, à separação ou ao exílio. Corrobora Jules Renard (2009) “Escrever é uma maneira de falar sem ser interrompido”. Para Matos:

(...) Escrever é libertar – e para uma pessoa que guardou tudo pra si durante tempos, não deixa de ser um ato de amor próprio também. Quando as palavras voam, os sentimentos se organizam e abre-se espaço para novos olhares e saberes. É um caminho. É por ele que eu escolho ir. (MATOS, 2012 p. 18)

Durante muito tempo a carta foi à única comunicação existente, aproximando assim as pessoas, encurtando espaço e tempo. A escrita alcança o lugar que a sonoridade da voz não pode chegar. Corrobora com essa reflexão Sponville:

Durante séculos a carta foi o único meio de dirigir-se aos ausentes, de levar o pensamento aonde o corpo não podia ir, aonde a visão não podia ir, e talvez esse seja o mais belo presente que a escrita deu aos viventes: Permitir-lhes vencer o espaço, vencer a separação, sair da prisão do corpo ao menos um pouco, ao menos pela linguagem, por esses pequenos traços de tinta sobre o papel (COMTE- SPONVILLE, 1997, p. 16).

Por esse viés, através das cartas Celie inicia o processo libertário em relação ao personagem Albert, pois, após as descobertas das cartas recebidas de Nettie a protagonista rompe com o silêncio ao qual era submetida no que diz respeito: as opressões, violência, ofensas, torturas, humilhações e explorações. A força surgiu ao ler uma das cartas que dizia “nem todos os homens negros são ruins e nem todas as mulheres negras são espezinhadas como os exemplos que tiveram na infância”

Ah, Celie, neste mundo tem pessoas pretas que querem que a gente aprenda! Querem que a gente enxergue as coisas com clareza! Nem todos são maus que nem o papai e o Albert, ou esmagados que nem mamãe. A Corrine e o Samuel têm um casamento maravilhoso. A única tristeza deles no início foi não poder ter filhos. E ai, eles falam, “Deus” enviou Olívia e Adam para eles.

Após a observação de Nettie feita na carta sobre um universo desconhecido por Celie em relação a outras formas de comportamentos humanos, despertou o desejo e a coragem em romper com a invisibilidade. Com essa nova ressignificação de sua própria vida, a protagonista decide renascer das cinzas e toma a consciência de sua fala e se faz ser ouvida. Pois, pela primeira vez enfrenta seu marido dizendo:

-Você é um cachorro vira-lata esse é o problema, está na hora de me afastar de você e entrar na criação e o seu cadáver é o capacho de boas vindas que eu quero prestar a você.

Esse enfrentamento com o marido foi outra demonstração de libertação do corpo e da alma, esta foi a primeira vez que conseguirá verbalizar as palavras silenciadas. Albert se surpreenderá com a atitude de sua esposa, pois, jamais ela houvesse lhe desafiado e enfrentado. Porém ele não quis ficar humilhado e retrucou-a dizendo:

- Você é feia, magricela. É esquisita e têm muito medo de abrir a boca e falar com as pessoas, você só serve mesmo é para ser empregada.

Após ter ouvido as ofensas proferidas da boca de Albert, Celie é impulsionada por uma coragem interior que lhe fez ser valente ao ponto de ameaçar seu esposo com uma faca, como ilustrada na (figura 8).



Figura 8- A coragem interior
Fonte: SPIELBERG, 1985

Nesse momento, Celie é contida por Shug para evitar que uma tragédia ocorra, mas, a oportunidade surge. Shug e seu atual marido convidam a protagonista para ir embora com eles para outra cidade. Sem titubear a personagem principal aceita o convite e deixa sua residência.

Albert aos gritos diz:

- Quem você pensa que é?

-É negra

-É pobre

-É feia

-É mulher

-Você não é nada.

Celie, responde:

-Até que me faça justiça, tudo que você pensar em ter vai acabar.

Nesse momento Shug leva Celie para dentro do carro e Albert sai correndo atrás dizendo:

-Eu devia ter te trancando em casa, te soltar só para trabalhar.

Celie responde:

-A prisão que você quer pra mim é que vai te trancafiar.

Shug diz:

-Celie entra no carro!

No momento que Celie está entrando no carro, Albert corre em sua direção e diz:

-Eu vou te trancafiar.

E com o gesto de quem irá bater em Celie, a mesma virá para ele e impõe a mão em sua direção e diz:

-Tudo que você já me fez já voltou para você.

A imposição da mão se revela como a retirada da mordaca que foi submetida e foi marcada por dores e sofrimentos vividos desde a infância pelas diferenças sexuais, sociais, culturais e raciais. Esse ato de impor faz com que recupere aspectos identitário.

Corroborar com aspecto da identidade de Hall no seguinte sentido:

A identidade surge não tanto na plenitude da identidade que está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006, P.39)

E essa identidade se revela com o olhar:

O olhar não recai mais sobre aqueles que exercem o poder, mas sobre aqueles sobre quem o poder é exercido. Sobre o indivíduo comum, ordinário, e ainda mais sobre aqueles que estão aquém do comum e mediano – o desviante, o anormal, [...]. Deste modo, o poder torna-se cada vez mais anônimo enquanto o indivíduo comum ou desviante, exposto à visibilidade, torna-se cada vez mais objetivado e atrelado a uma identidade (BRUNO, 2004 P.2).

A expressão no olhar de superioridade de Celie sobre Albert é notoriamente observada na (figura 9) exatamente no momento em que a personagem reage sobre uma possível violência contra ela. Pois, o marido é intimidado pelo domínio de sua esposa.



Figura 9 - Celie enfrenta Albert
Fonte: SPIELBERG, 1985

Celie consegue se libertar do marido que sempre a ofendeu, maltratou e humilhou. A protagonista decide romper com o passado que é marcado por círculos de violência e se permite vivenciar uma nova história.

A personagem abandona o marido e vai embora com a felicidade estampada pelo sorriso. Ao cruzar espaço tão curto rumo à liberdade, justamente no veículo da Shug que é mulher livre que lhe apresentou o prazer pelo mesmo sexo, chega, enfim, à tardia maturidade: deixa de ser a pessoa de traços infantis, recolhida, à espera do próximo bofetão.

Sua história está sendo reconfigurada desde o dia que conheceu mulheres como Sofia e Shug que lutam de maneiras por suas liberdades. Aos poucos, Celie está fazendo suas descobertas sexuais e conquistando a consciência de sua dignidade e seu orgulho. Essas descobertas surgiram através do relacionamento com Shug, que no início era marcado por humilhações, mas que após a convivência passa ser de cumplicidade e amor.

Smith (1982, p.181) considera que o laço unificador existente entre as mulheres negras se estabelece por via das suas relações de amizade e de amor, bem como em resultado das formas de opressão conjuntamente experimentadas. É esta experiência comum de sofrimento

que as une e fortalece, dando-lhes força para serem capazes de se afastar da servidão do passado e conseguirem aceder, conjuntamente, a uma existência de plena igualdade, para elas e para aqueles que elas amam.

Celie consegue se empoderar e sair do espaço violento onde se encontrava, criando mecanismos e forças para construir um novo caminho para evoluir no sentido da sua própria aceitação, para que possa autodefinir-se como indivíduo e afirmar-se, como mulher.

3. TECER A LIBERDADE

‘No meio do caminho tinha uma pedra’,
 mas a ousada esperança
 de quem marcha cordilheiras
 triturando todas as pedras
 da primeira à derradeira
 de quem banha a vida toda
 no unguento da coragem
 e da luta cotidiana
 faz do sumo beberagem
 topa a pedra-pesadelo
 é ali que faz parada
 para o salto e não recuo
 não estanca os seus sonhos
 lá no fundo da memória,
 pedra, pau, espinho e grade
 são da vida um desafio
 e se cai, nunca se perdem
 os seus sonhos esparramados
 adubam a vida, multiplicam
 são motivos de viagem (EVARISTO, 1992, p. 32-33).

Tecer a liberdade é romper com as pedras colocadas pelo caminho que em algum momento ocasionaram o aprisionamento feminino. Tecer a liberdade é ter a ousadia para se ter esperança e lutar pela possível libertação feminina. O poema pedra, pau, espinho e grade se compara com os caminhos percorridos pela personagem Celie, que necessitou tecer seu destino após ter conseguido enfrentar seu marido e romper com o círculo de violência e com as diversas formas de aprisionamento.

O sentido da palavra tecer que será refletido neste capítulo é construir as próprias narrativas da vida de Celie, colocar-se no centro do próprio caminho e perceber-se como capaz de criar, criar-se e buscar um caminho de inserção social. Liebig (2012) associa a inserção social ao que tange ao ganho de voz feminina. E essa voz que fala não é somente uma voz, é a voz de um corpo negro feminino que fala, que cria, narra; e isso se aproxima das de Evaristo que afirma:

A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.
 A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem - o hoje - o agora.
 Na voz de minha filha

se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade (EVARISTO, 2008, p.10).

Assim como a voz do poema de Evaristo, Celie ecoa sua voz que por um grande período de sua vida esteve engasgada e a libera para si. E ao dar voz a sua própria voz, consegue ser notada e inicia-se o processo de libertação. Essa descoberta faz com que teça um novo significado para sua história. A discussão sobre tecer a liberdade se faz necessária por resgatar a voz da personagem Celie que rompe com o passado aprisionado e trilha um novo caminho e perspectivas libertárias. Dessa forma o poema Tecendo palavras de Silvestre (2011) contempla a forma que Celie realiza o tecido de sua vida.

Vou tecendo palavras com fios de vida. Novelos de várias cores do passado presente e futuro. Tenho um novelo de fios de sonho com o qual teço as palavras que os fios da vida não me dão crença palavras tecidas com fio do futuro ficam transparentes inertes paradas. São as que utilizo para entrelaçar os pontos finais do passado...

Teço palavras com o fio do presente que me enchem folhas com um olhar interrogativo. Teço palavras com fio do passado que me magoam me arrepiam vindas lá do altar das lembranças esquecidas.

<https://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=189553>

A poesia exposta revela mais uma vez a forma que Celie tece sua vida. Pois, as cenas expostas pelo filme mostram a personagem desde a sua infância entrelaçando a violência sofrida com a sobrevivência. Os fios citados no poema se comparam com os caminhos percorridos desde suas formas de aprisionamento com a possível libertação.

Nesse sentido a vida presenteia Celie com o direito de se reinventar, de refazer seus sonhos, tecendo outros fios. Estes fios de esperança se enlaçam com a poesia de Pimentel (2019) que estimulam a contribuição de novos fios.

Teço palavras porque acredito na força que elas têm.
Teço palavras porque sinto tudo o que escrevo.
Teço palavras porque a vida pode ser desenhada por elas.
Teço palavras porque elas reinventam.
Teço palavras porque elas revelam.
Teço palavras porque elas traduzem, elas marcam.
Teço palavras porque escrever, também é sonhar e sonhar é viver!
Então, que teçamos e sonhemos, pois assim a vida pulsa.
Assim a gente tece a vida com seus sabores e dissabores, alegrias e tristezas, saudades, inícios e fins, chegadas e partidas, começos e recomeços, fios entrelaçados e fios soltos.
Assim, a gente vive, tecendo palavras, tecendo sonhos.

O poema anterior sugere várias modalidades de tecer com palavras por diversas situações tais como: força, sentir, vida desenhada, reinventar, revelar, traduzir, marcar, escrever, sonhar e viver tanto com as emoções alegrias e tristezas, entrelaçando todos os fios soltos. As últimas palavras do poema são tecendo sonhos, assim como a protagonista do filme que tece suas idéias e fantasias, e esses sonhos se intensificam após a descoberta que seu pai na realidade é seu padastro. Essa descoberta sobre sua própria história é compreendida como uma forma de libertação, pois, seus filhos não são seus irmãos como sempre pensará.

Querido Deus,
 Depois de tantos anos, o homem que conheci como meu pai morreu.
 Nettie me escreveu dizendo que o meu verdadeiro pai tinha morrido e minha mãe se casou com esse homem dois (02) anos depois que o meu verdadeiro pai morreu.
 Os meus filhos então não são meus irmãos.
 O meu pai, não era meu pai.

3.1 A transformação de Celie

As cenas no filme demonstram mais um avanço da personagem para sua possível libertação, pois, é salientado o diálogo entre Celie e a governanta da casa que herdara do seu verdadeiro pai, pois, o mesmo havia lhe deixado uma herança e através desta herança ela conquista sua independência financeira.

A governanta diz:

-Bom é tudo seu agora.

Nettie responde:

-Hum, É! Mas, eu não ainda não entendo como.

A governanta explica:

-O seu verdadeiro pai era dono dessa terra e da loja e da casa. Ele deixou para sua mãe.

Quando sua mãe morreu tudo passou para você e para sua irmã Nettie.

Celie responde com uma expressão no olhar de alegria.

Após o diálogo Celie coloca os óculos sobre os olhos e fica contemplando com admiração e felicidade a sua nova casa. A sensação foi tamanha que não se conteve e saiu a desfilarm pela neve em direção a residência. Os pensamentos ecoavam de sua mente, pois, tecia sonhos de transformação. Mas, os sonhos não ficaram apenas em pensamentos, ela colocou-os em prática e passa administrar sua vida, sua residência e a loja.

Essa transformação é compreendida como uma ação libertária da personagem, visto que conseguiu se desenvolver profissionalmente como empreendedora e faz jus a essa transformação, se reconhece e se afirma como mulher empresária e patenteia a logomarca da loja como: Calça de dona Celie. É notório o desenvolvimento da personagem como empreendedora e de vendedora. A personagem conquista seus clientes, pois, as calças vendidas são de tamanho único, consideradas mágicas para o período, pois, a mesma calça veste um manequim 36 e veste um manequim 60.

Mediante esse desenvolvimento da personagem de mulher empreendedora é demonstrado no filme às transformações ocorridas em sua vida tais como: social, econômica e cultural. Esses avanços são considerados como uma das maneiras de libertação da personagem.

Essa nova roupagem de Celie lhe permite passear sem preocupação de ser violentada e agredida. O local evidenciado que ela gosta de passear é ao meio a plantação de flores no tom de púrpura. Ao andar pela plantação com Shug, pensamentos invadiam a sua mente levando-a refletir sobre as suas vidas como descrito abaixo:

-Quanto mais as coisas mudam, mais permanecem iguais. Eu e Shug, nós sorrimos, mas, ainda estamos sozinhas.

As duas dialogam.

Celie diz:

-Você acha que Deus é vaidoso?

Shug responde:

-Não, não. Vaidoso não. Ele só quer partilhar o que é bonito. Eu acho que nada irrita mais Deus que você passar pela cor púrpura em um campo e não notar.

Celie então pergunta:

-Você acha que a cor só quer ser amada como diz a bíblia?

Shug então diz:

- Acho Celie.

Tudo, quer sempre ser amada. Nós cantamos, dançamos e vivemos só tentando ser amadas.

Shug então exclama:

-Olhe as árvores, já notou que as árvores fazem de tudo para chamar a atenção como nós? Só que menos andar.

-Rsrtrs

-Ah! Dona Celie que vontade de cantar.

Nesse diálogo entre as personagens fica nítido que embora ambas tivessem conquistado seu direito de ir e vir, mas, ainda eram prisioneiras dos seus desejos. Desejos estes que não sabiam ao certo quais eram. Observa-se que há em Celie e Shug o desejo de libertação. Freitas e Sousa (2016) classificam o desejo de liberdade como:

O jogo imagético evocado ao longo poema é o desejo de liberdade das palavras, que remete à discussão essencial do fazer poético. É preciso que haja a libertação das formas, para que as mesmas se organizem em linguagem na folha em branco de papel. Não é à toa que ao final do título revelam-se as reticências, que induzem o desejo libertário.

Essa vontade das personagens em serem verdadeiramente livres em seus desejos nos leva a meditar sobre as formas de aprisionamento e uma maneira encontrada de reflexão foi o poema de Dora Ferreira da Silva que discute sobre a temática:

As formas prisioneiras...
 As formas prisioneiras por belas e dementes
 esperam seu resgate. Nem veriam
 a eclosão
 essas duras crisálidas do sono
 ocultas em pedras, telas, tramas,
 insensíveis ao sol, à chuva fria,
 nem júbilo
 nem melancolia
 sem que as desates.
 Medram a medo
 na ante-manhã, carentes de teu sonho,
 princesas embalsamadas em sucessão estranha, à espera (SILVA, 1999,
 p.61).

O poema prisioneiras se compara com o sentimento de aprisionadas que permeia entre as personagens Celie e Shug. O processo de libertação de Celie é conflitante, pois, há o sonho desconhecido em seu universo e há a necessidade de compor e recompor sua própria história. Esse momento conflitante de transição pode ser comparado com o poema “Personagem” de Cecília Meireles (1939):

Meus sonhos viajam rumos tristes
 e, no seu profundo universo,
 tu, sem forma e sem nome, existes,
 silêncio, obscuro, disperso.
 Eu só conheço o que não vejo.
 E, nesse abismo do meu sonho,
 alheia a todo outro desejo,
 me decomponho e recomponho.

Percebe-se a semelhança do poema e a vida tem personagem ao que tange a reflexão sobre o sonho e ao mesmo tempo o seu processo solitário, ao viver um amor, uma paixão muito intensa dentro de si. É possível perceber a dor e a ausência. Celie sofre pelo passado que lhe deixará marcas e cicatrizes tatuado em sua alma e pela dor da ausência de não ter sua irmã Nettie e seus filhos ao seu lado nesse novo percurso de vida.

Essa ausência está prestes a chegar ao fim, pois, Nettie lhe enviou uma carta endereçada a Celie para comunicar que estava retornando juntamente com o seu casal de filhos, mas, o endereço postado ao remetente é o antigo. Ou seja, foi entregue na casa de Albert e ao se deparar com a carta postada em sua caixa do correio, ele descobre o endereço atual de sua cunhada e de seus enteados, a carta foi postada da imigração e naturalização dos Estados Unidos – Washington.

Com essa descoberta Albert toma uma decisão e vai para a imigração buscar Nettie e os dois filhos de Celie. Pela primeira vez Albert está tendo uma atitude gentil para surpreender sua ex-esposa. A protagonista não sabia que sua irmã e seus filhos estavam próximos de se reencontrarem. A protagonista foi surpreendida, chegou a sua casa um carro desconhecido e quando os visitantes descem do carro para sua felicidade era sua irmã Nettie acompanhada pelos sobrinhos Warley e Olivia.

A cena foi tomada pela emoção, as irmãs correm em meio a plantação de flores na cor púrpura para se reencontrarem. Abraçam-se, choram, sorriem e se beijam. Em seguida Nettie apresenta para Celie seu filho e traduz o que o rapaz diz, pois, o mesmo foi criado na África e não sabe falar a língua da mãe.

-Ele disse que te ama

Novamente Nettie traduz o que Warley fala:

- Ele disse que sempre sonhou com esse dia.

Mãe e filho se abraçam.

Nettie diz:

- Essa é Olívia.

Olívia então diz:

- Mamãe! Mamãe! Mamãe.

Mãe e filha se abraçam.

Sem ser percebido, Albert fica de longe no meio da plantação de flores a observar o reencontro familiar. A cena chama atenção para essa atitude. Pois, o mesmo contempla a felicidade de Celie em está novamente reunida com sua família.

Logo após o reencontro familiar, a cena seguinte é o termino do filme que mostra a cena das irmãs no entardecer meio a plantação de flores, conforme demonstrado na (figura 10), elas estavam brincando e cantando a música:

Eu e você sempre juntas!
Sempre juntas, eu e você.
Minha irmã ao meu lado,
Sempre juntas.



Figura 10 – TRANSGRESSÃO DAS IRMÃS

Fonte: SPIELBERG, 1985

A cena das irmãs brincando se revela como transgressora¹³, conforme Foucault, a transgressão é uma fina linha que separa o permitido do apenas sonhado. Determina limites, mas não é um espaço limitado, é apenas o início de um caminho que continuamente se recomeça. No entender do filósofo, essa transgressão não ocupa pólo oposto ao limite, mas sim

13 - Todavia, a transgressão é fundamental para o processo criativo, pois somente por meio dela, por meio do rompimento que ela provoca, quebram-se as barreiras que sufocam o movimento e impedem a instalação do novo. Ela é, portanto, um fenômeno intrínseco à condição humana, “enquanto indagação, reinvenção e recriação” (FACHINI, op.cit. p. 71).

está ligada a esse limite em uma relação espiralada. O comportamento das personagens é uma atitude que foge os padrões esperado para a idade das mesmas.

Bilheiro (2015) afirma que transgressão é mudança. “Transgredir é ir além dos limites estabelecidos. Ter capacidade de transgredir é ter capacidade de fazer o incomum. Ser anormal. Ir além do que, geralmente, as pessoas fazem”.

Bilheiro (2015, p. 41) ressalta que:

Ninguém inova no comum. É impossível descobrir o novo no habitual. Só a transgressão pode levar ao diferente. Aceitar o diferente é fundamental neste processo, porque mostra o reconhecimento por essa capacidade de transgredir. Exercitar a transgressão, portanto, é uma forma de romper os padrões dessa desastrosa característica humana. Às vezes parece mesmo que a coisa mais transgressora que alguém pode fazer é aceitar alguém fora do padrão.
(BILHEIRO, 2015)

O poema ressalta que ser diferente é uma forma de transgressão. Locatelli (2017, p. 56) em seu poema descreve a transgressão é a receita de sucesso:

Transgressão
Questiono-me se é realmente
transgressora a alma humana, o ser.
É a natureza transgressora
uma qualidade criativa
que se procura na narrativa,
em uma vida, um ser.
A criação é transgressora
como receita de sucesso.
Quando o sucesso é mais simples.
Estão todos os dias nas nossas mesas.
Quando se procura um prazer.
Você procura-o esperando ter.

Já Bentham (2019) afirma que toda lei é uma transgressão da liberdade. Conforme Santim (2019), o maior ato de transgressão que podemos fazer é sermos nós mesmos. E essa transgressão se eleva a libertação. “O ato de nos libertarmos da corrente que nos prende aos padrões e referências nos torna insuportavelmente livres aos olhos daqueles que não entenderam ainda que essas correntes são imaginárias e que é possível andar na contramão e ser feliz”.

3.2 Womanismo em A Cor Púrpura

O womanismo é habitualmente usado na identificação do feminismo para mulheres negras. Não obstante, ademais um movimento social, ele é, segundo Maparyan (2012), um movimento espiritual, vinculado com a sobrevivência e o bem-estar de todas as pessoas,

independente de raça, sexo, religião, entre outras expressões. A despeito da complexa descrição, que dificulta sua compreensão, o “womanismo” é compreendido pelas escritoras negras Zora Neale Hurston e Alice Walker como meio de libertação das diversas formas de violência. Nessa perspectiva, o protesto das personagens femininas do filme *A Cor Púrpura*, salienta a iminência de uma sociedade liberta de intolerância, na qual os cidadãos proporcionem a integridade física, psicológica e espiritual de todos os seres vivos.

“O ‘womanismo’ está para o feminismo como púrpura está para lavanda” (WALKER, 1983, p. xii). Nesta reflexão, a autora emprega uma metáfora para explicar a diferença entre os termos a partir do grau de magnitude. A concepção da frase apresenta que o womanismo demonstra um conceito maior e mais intenso do que o feminismo.

O termo utilizado por Walker não está relacionado exclusivamente à questão sobre mulher, mas à raça humana, de modo pleno. Nesse sentido, o womanismo, apesar de ter ocasionado a cultura feminina negra, se inquieta com o bem-estar de todas as “pessoas de cores”; o que não exclui ninguém, já que somos, de acordo com a autora, uma “raça colorida”.

Destacamos que o womanismo, não pode ser estabelecido exclusivamente como um movimento social e político, pois, ele é, principalmente, um movimento espiritual. Quer dizer, por intermédio do discernimento de que a transformação começa em cada indivíduo, no seu interior, as pessoas womanistas vislumbram uma sociedade composta de vários grupos étnicos, em que haja respeito, oportunidades e direitos iguais (COLLINS, 1998, p. 63).

O womanismo, ademais uma teoria ou uma filosofia, é uma visão de mundo e um movimento espiritual. Como ressalta Maparyan (2012, p. 29), “[...] o womanismo é algo maior do que uma identidade. É um modo de compreender o mundo que é fundamentado na deliberação que harmoniza os elementos, as pessoas, espíritos, natureza constituidores do mundo”.

O feminismo negro inicia-se de uma não categoria (não mulher), para uma recomposição e afirmação do ser feminino, rompendo a negação do ser para repensar e reconstruir as mulheres com base em outras categorias. Essa metodologia é contínua nas narrativas de Walker, em razão de, expressarem vozes que se intercalam, estruturando-se e desestruturando incessantemente. No entanto, para que a afirmação suceda, é essencial que as mulheres deixem de ser constituídas como objeto para se converter em sujeitos, trilhando a palavra, recuperando a voz e engendrando um novo discurso. Celie transpassa da categoria do não ser para sujeito do discurso ao defrontar o marido depois anos de opressão e silêncio.

A princípio as primeiras escritas referente a teoria feminista negra nos Estados Unidos manifesta no decorrer a década de 80 e escritora Alice Walker configura uma grande intelectual

do feminismo negro no país mediante as obras estudadas. A autora outorga a voz ao sofrimento, às lutas e ao empoderamento das mulheres, deletando o próprio conceito de gênero, na medida em que desenvolvia parte do procedimento de relações hierárquicas de classe.

Walker e sua teoria womanist (universalista) caracteriza a noção de solidariedade humana, portanto, para a autora, uma mulher é womanist quando está vinculada a sobrevivência e a integridade de todas as pessoas, independente de serem mulheres ou homens. Mulheres negras, como a personagem Celie tiveram a oportunidade de reconstruir o “eu” (identidade) fragmentado e objetificado do “ser mulher” por intermédio de discursos e práticas da cantora de blues Shug Avery e de sua irmã Nettie, em razão de que: As identidades têm nexos com questões pertinentes ao uso de recursos da história, da língua e da cultura no processo do devir¹⁴ e do não ser, não de quem somos ou de onde surgimos, mas o que poderíamos nos tornar e como poderíamos ser representado. (HALL, 2002, p. 52) Celie, momentos posteriores a contatos freqüentes com Shug, consegue dar um novo sentido em sua visão sobre si mesma.

3.3 Entre Versos e Prosas

A prosa está escrita de forma natural, enquanto o verso deve cumprir certas medidas e ritmo. A prosa não tem necessariamente que rimar, enquanto no verso a rima é fundamental. Na prosa não há métrica, mas nos versos considera-se a quantidade de sílabas de cada frase.

Caretti (2017) afirma que versos e prosas é uma dicotomia citando como exemplo vida/morte, homem/mulher, feminino/masculino, oprimido/opressor, grito/silêncio, liberdade/aprisionamento. Essas afirmações são facilmente comparadas com toda historicidade da personagem narrada no filme *A Cor Púrpura*.

Essa historicidade no decorrer da trama é exposta como divisão oposta de momentos, como demonstrado pela própria Celie quando descreve seus sentimentos e pensamentos nas cartas. Gersão (2013) abdicar dos parênteses para descrever seus pensamentos entre versos e prosas “é demonstrar a liberdade, pois escrever é está livre, fora de um espaço que limite-se.

Del Priore (2014) relata que há aprisionamento no cárcere, aprisionamento familiar, aprisionamento emocional, aprisionamento social e aprisionamento econômico. A vítima Maria da Penha que originou a lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) relata que as distintas formas

14- Significa desterritorializar o passado no momento em que o narrador passa a problematizar sobre ele. Significado de Devir: substantivo masculino [Filosofia] Processo de mudanças efetivas pelas quais todo ser passa; movimento permanente que atua como regra, sendo capaz de criar, transformar e modificar tudo o que existe; essa própria mudança. (GELAMO, 2009)

de aprisionamento que as mulheres são submetidas no seu cotidiano geram outras violências domésticas tais como:

1: Humilhar, xingar e diminuir a autoestima

Agressões como humilhação, desvalorização moral ou deboche público em relação a mulher constam como tipos de violência emocional.

2: Tirar a liberdade de crença

Um homem não pode restringir a ação, a decisão ou a crença de uma mulher. Isso também é considerado como uma forma de violência psicológica.

3: Fazer a mulher achar que está ficando louca

Há inclusive um nome para isso: o gaslighting. Uma forma de abuso mental que consiste em distorcer os fatos e omitir situações para deixar a vítima em dúvida sobre a sua memória e sanidade.

4: Controlar e oprimir a mulher

Aqui o que conta é o comportamento obsessivo do homem sobre a mulher, como querer controlar o que ela faz, não deixá-la sair, isolar sua família e amigos ou procurar mensagens no celular ou e-mail.

5: Expor a vida íntima

Falar sobre a vida do casal para outros é considerado uma forma de violência moral, como por exemplo vazar fotos íntimas nas redes sociais como forma de vingança.

6: Atirar objetos, sacudir e apertar os braços

Nem toda violência física é o espancamento. São considerados também como abuso físico a tentativa de arremessar objetos, com a intenção de machucar, sacudir e segurar com força uma mulher.

7: Forçar atos sexuais desconfortáveis

Não é só forçar o sexo que consta como violência sexual. Obrigar a mulher a fazer atos sexuais que causam desconforto ou repulsa, como a realização de fetiches, também é violência.

8: Impedir a mulher de prevenir a gravidez ou obrigá-la a abortar

O ato de impedir uma mulher de usar métodos contraceptivos, como a pílula do dia seguinte ou o anticoncepcional, é considerado uma prática da violência sexual. Da mesma forma, obrigar uma mulher a abortar também é outra forma de abuso.

9: Controlar o dinheiro ou reter documentos

Se o homem tenta controlar, guardar ou tirar o dinheiro de uma mulher contra a sua vontade, assim como guardar documentos pessoais da mulher, isso é considerado uma forma de violência patrimonial.

10: Quebrar objetos da mulher

Outra forma de violência ao patrimônio da mulher é causar danos de propósito a objetos dela, ou objetos que ela goste.

<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/12/violencia-contra-mulher-nao-e-so-fisica-conheca-10-outros-tipos-de-abuso>

Contudo, a Lei Maria da Penha classifica a violência doméstica como: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Ressalto que as vítimas têm medo de denunciar e

permanecem no círculo de violência por não conseguirem romper. Porém nem todas as pessoas sabem, mas a lei Maria da Penha existe para casos que independentemente do parentesco. O agressor pode ser o padrasto/madrasta, sogro/sogra, cunhado/cunhada ou agregados, desde que a vítima seja mulher.

4. CONCLUSÃO

Concluir um trabalho é algo muito complexo e mais ainda quando se trata do assunto no qual foi refletido o que é aprisionamento e a libertação feminina. A todo o instante enveredar-se por caminhos árduos, porém instigantes para se refletir.

Desta forma, não é uma conclusão, mas, uma síntese dos passos iniciais para o avanço acadêmico que poderá nortear outras pesquisas científicas. Enfim, o contato direto com a obra *A Cor Púrpura* resultaram em superação tanto da personagem como da autora da dissertação.

O filme narrou à história de uma menina negra que sofreu muitas violações e explorações no âmbito familiar em todos os sentidos tais como: social, cultural, política e econômica. Essa menina mulher negra e invisível foi objeto sexual e estava em uma posição desconfortável onde não gostaria de estar.

No decorrer desta dissertação foram analisadas diversas formas de aprisionamento e libertação da personagem Celie, procurando evidenciar todos os movimentos que levaram a personagem para a possível libertação tais como: a escrita através das cartas, a voz, o amor por Shug, o desejo de reencontrar os filhos, o womanismo, o enfrentamento com o marido, o empreendedorismo e a sensação de liberdade.

Celie conseguiu romper com o círculo vicioso que era submetida e conseguiu quebrar esse círculo passando para o ciclo. A personagem se assumiu como mulher conseguindo ressignificar sua vida e buscou o rompimento com o aprisionamento. Essa aceção ocorreu porque a protagonista reconheceu a condição de mulher aprisionada.

Ao se assumir como ser aprisionada, ela rompe buscando se libertar das amarras do seu passado que por muito tempo obteve sua voz sufocada e silenciada. Em outras ocasiões o silêncio se fez necessário como forma de reflexão para voltar a se ouvir. Para Collins (1998) as vozes das mulheres negras coletivamente constroem, afirmam e mantêm um ponto de vista auto definido e dinâmico.

A protagonista necessitou ouvir o seu próprio interior que foi uma das possibilidades de libertação e o recurso utilizado para sua emancipação foi a *escrevivência*¹⁵. Evaristo (1995) cunhou o conceito das palavras “escrever” e “viver”. Na conclusão de seu texto para um seminário sobre mulheres.

Escrevivência tem a ver, portanto, com autobiografia, com a ideia de “escrita de si”, com o fato de que a subjetividade de qualquer escritor ou escritora contamina a sua escrita. No caso em questão, a *escrevivência* de Conceição Evaristo está impregnada pela sua condição de mulher negra na sociedade brasileira.

15- É o espaço para relato cotidiano das experiências vividas e pensadas, a fim de socializar conteúdos diversos a serem discutidos num espaço entretido, informativo e inteligente.

A escrita através das cartas salientadas no filme ilustra o cotidiano vivenciado pela mesma, essas cartas evidenciam a realidade ao qual foi submetida e refletem os espelhos da memória da protagonista, ou seja, o seu dia-a-dia.

Faz-se necessário ressaltar que no segundo capítulo refletiu sobre a libertação da personagem quando a mesma se enxergou através do espelho, diante ao espelho sua imagem foi desvendada e o seu corpo lhe proporcionou descobrir o prazer sexual e essa descoberta é considerada como womanismo.

Em a cor púrpura, a personagem Shug exerceu a tarefa womanista colaborando para a retirada da venda sobre os olhos da protagonista Celie em relação ao amor próprio, o amor de outrem e o desvelar do prazer sexual.

A descoberta do prazer sexual é uma das conquistas em prol da possível libertação é quando ela se aceita enquanto ser e se aceita como uma pessoa desejada e desejante. A personagem Shug foi um elemento divisor de águas nessa relação de Celie ao que tange a sua própria aceitação, liberdade e poder. O poder, como puro limite traçado à liberdade, pelo menos em nossa sociedade, é a forma geral de sua aceitabilidade (FOUCAULT, 2006, p. 94).

Contudo, o filme A Cor Púrpura retrata as inquietações das mulheres diante dos diversos aprisionamentos de vida que são lhe impostas a cada segundo, independentemente de cor, raça, religião, posição social e econômica. Ambas, trava no seu cotidiano diário um enfrentamento com o aprisionamento. Devo frisar que Celie não era considerada como pessoa, e sim um objeto. O padrasto e o marido haviam assassinado sua auto-estima afirmando que era “uma pobre e feia, mulher negra, nada mais,” e com isso ela introjetou essa imagem.

Celie se apaixonou por Shug. Para a protagonista essa relação é a única escolha. Pois, os homens com os quais ela se relacionou foram opressores. Ao se descobrir como mulher a partir do relacionamento com Shug, inicia-se uma construção de sua identidade como ser humano aprendendo a amar a si mesma, ama os outros. Hooks crê na libertação de um mundo dominador e opressivo para a “criação de um mundo mais humano.” Diz: “[...] queremos dividir o poder de autodeterminação. Nossa liberdade é doce. Será mais doce quando todos forem livres (1999, p. 34).

Abordar como a sociedade é organizada e composta, através de relações de poder desiguais entre as pessoas, implica desmontar os principais pilares da crueldade contra as mulheres. O desenvolvimento de empregos separados depende de padrões sociais e boas qualidades enraizadas no tempo, que atribuem às mulheres um lugar de inadequação em relação aos homens, que utiliza a selvageria como um bem notável para atestar seu controle. Concentra-se em que a fantasia das mulheres é o único solapado pela cultura machista que deve ser

inspecionado.

As mulheres que escolhem romper um relacionamento brutal também estão rompendo com vários sonhos e suposições sobre casamento e família. Há infortúnios e essa escolha, que não devem ser desconsiderados por especialistas e guardiões de serviços humanos. Lembrá-los infere ter a capacidade de trabalhá-los e, portanto, fortalecer no redirecionamento e fundação de novas atividades da vida.

Descobriu-se, a partir das investigações bibliográficas, que as explicações por trás para permanecer em um relacionamento conjugal feroz são identificadas com questões identificadas com confiança monetária, a expectativa de que o cúmplice mudou sua conduta, temem os perigos da morte produtos do relacionamento. Enfatize que em grande parte, legítima de forma confiável a imutabilidade nesse tipo de relacionamento e de forma confiável, foi cada vez mais identificado com a proximidade das crianças, relacionada com a dificuldade de fazê-las sem a ajuda do parceiro.

O comportamento abusivo em casa produz enormes repercussões no bem-estar físico e emocional das mulheres, flutuando em sua aparência e poder, elevando-se acima dos danos rápidos criados pela brutalidade física, por exemplo, feridas e quebras. Não obstante, provou-se que podem ter repercussões na vida das pessoas em questão, não acompanhando a selvageria perdida, tendo a capacidade de avançar após algum tempo.

Refletindo nos pontos de confinamento dessa exploração, essencialmente pelo fato de se tratar de uma pesquisa bibliográfica, é imperativo que o exame prossiga de modo a dar maior perceptibilidade à detenção e ao comportamento abusivo.

Acerca das diferenças de gênero, foi possível detectar que o tratamento diferenciado dos indivíduos doravante o sexo (caso se prefira não utilizar uma conotação biológica), adveio de longínquas culturas do passado e se prolongou por séculos.

É concebível observar a metodologia do filme para apreender o discurso de outrem: em *A cor púrpura*, há a transcendência das vozes das personagens Celie e Nettie, e a conversa epistolar avança esta forma de percepção em que quem escreve compõe a cena e permite ao autor ver apenas realidades e coisas que essa voz autoral anseia por ser vista. Seja como for, a percepção da mediação da fala dos outros no conteúdo revelou-nos sua face polifônica e a abstração das contradições na concretude discursiva. Celie descreve através da carta uma história que ocorreu no passado de sua amiga Sofia e atualiza-a pela memória, dando vazão em muitos momentos aos seus próprios impactos sobre o ocorrido.

A mulher afro-descendente, além de contradizer a sujeição ao homem negro, também procura direitos equivalentes à mulher de ascendência européia. Esta condição, sustentada pelas

qualidades autênticas da sociedade escrava americana, passa pelo romance *A cor púrpura* e acaba expressando quando Sophie, um caso da antipatia por sujeição ao homem negro na história, de maneira semelhante jogou lutando contra a posição de doméstica de uma mulher branca. Isto é, tenta contradizer a separação étnico-racial e sua submissão à mulher branca.

É relevante ressaltar o final desta dissertação, que debilitar os resultados potenciais de uma obra abstrata que aceitamos ser incompreensível. O fundamento de que nós também confiamos que é essa dificuldade para debilitar um trabalho, difícil de dividir totalmente sem deixar buracos, o que descreve um conteúdo criativo. Independentemente de nos concentrarmos no assunto de como os personagens do conteúdo de Walker se identificam com os contrastes sexuais e raciais, os possíveis resultados de administrar esse problema por muito tempo

A história de Celie é intrigante do início ao fim, é através dos sofrimentos, desafios e repulsões que ela experimenta durante todo o filme, o expectador tem a oportunidade de se colocar na situação de um indivíduo com precisão por tudo o que ela é. Talvez, através das cenas sólidas e marcantes do conteúdo, o observador possa criar simpatia, com a figura de Celie, mas também com cada uma das minorias com as quais fala e seus problemas nos dias de hoje. Ou seja, podemos dizer que este filme é uma história figurativa abrangente.

Os anos 1930 do século XX, nos Estados Unidos, a maioria dos negros ainda não almejava as liberdades sociais e vivia em condições mínimas únicas em relação às estações do cativo. O principal indivíduo da sociedade que não valia exatamente era o homem negro e a mulher negra. Os linchamentos de visita na parte sul da nação e em qualquer outro lugar eram normais, não havia praticamente nenhum plano estatal de ação ou apoio para senhoras negras que estavam incomodadas ou explicitamente maltratadas por homens brancos e / ou negros.

A posição de mulher negra e pobre era (e hoje ainda é) a menor posição da cultura americana, e essa era uma realidade exemplificada pelos encontros de Celie. Ela experimenta a adolescência nas mãos dos homens que a controlam; é tratado como propriedade, uma criatura que existe apenas para os homens explorarem seu corpo para fins sexuais e comerciais, nunca considerando por um minuto que tenha sentimentos ou suposições próprios.

Aos 14 anos, Celie tinha acabado de suportar a perda de dois dos filhos de seu próprio pai, que chegou a abordar o que ela precisava para seus filhos, negando seus direitos como mãe. Esta ocasião introduziu uma progressão de ocasiões desastrosas. Ela suporta, primeiro, com o pai e depois disso, durante a época do casamento, com a sua melhor metade.

Sem privilégio para seu corpo e sexualidade, Celie é tratada como uma escrava, obrigada a perseverar através da selvageria, dos impulsos e dos filhos problemáticos da esposa. Seja como for, o instantâneo do progresso dessa realidade acompanha a entrada do admirador da

esposa, Shug Avery. Ao invés de ser desejosa de Shug, Celie a aprecia e é impulsionada por sua auto-suficiência e autonomia de artista de jazz. Esta resposta imprevista fala de um estágio imperativo no desenvolvimento de Celie, pois é apenas através dos olhos de outra senhora que ela pode sentir satisfação e auto-estima.

Além disso, Shug não é uma mulher qualquer, uma vez que ela é autônoma, livre, otimista e oferece essa alegria com Celie. Tal relacionamento prospera como um amor sentimental entre elas.

O amor de Shug são os passos iniciais para Celie recuperar sua confiança e ganhar poder aos maus-tratos de um homem alucinante. Independentemente da declaração de sentimentos gays a colocar em uma posição ainda mais baixa e perigosa em uma sociedade preservacionista, Celie descobriu um romance íntimo nos braços de outra mulher, talvez comunicando que as mulheres nessa história poderiam confiar em outras mulheres, com diz respeito a assuntos intensos.

A trajetória pessoal de Celie retratada no filme *A cor púrpura* mostra aos espectadores uma diversa e dolorosa série de eventos que a transformam no final. Sua mudança de uma jovem honesta e maltratada, sem nenhum indício de certeza ou confiança para uma senhora livre que reivindica sua própria casa. Da mesma forma, livre do cônjuge. Sua história é um triunfo transmitido aos observadores do filme, instando-os a criar compaixão por seu caráter primário, assim como para cada uma das minorias que fala.

O filme retrata uma história de preconceito, machismo, tirania e brutalidade contra as mulheres, que, por mais absurdo que seja, ainda acontece hoje. Apesar do fato de que a história é de uma mulher americana, parece até certo ponto a cultura brasileira, na qual, mesmo após a anulação da servidão, as mulheres negras continuavam sendo tratadas como subalternas, suportando diferentes tipos de parcialidade e maldade. O filme demonstra que a mudança precisa começar das próprias mulheres para superar uma estrutura unilateral. Essas senhoras precisam levantar a cabeça e enfrentar o quadro, atestando seus direitos.

Há numerosos elementos, por exemplo, medo, ausência de condições relacionadas com dinheiro, baixa dimensão de aprendizagem, numerosas mulheres não têm coragem para confrontar preferências, machismo, ditadura e maldade, e acabam por experimentar uma verdadeira existência de abuso. Em qualquer caso, este quadro deve ser confrontado, um avanço vital para tal empreendimento é a iluminação e fortalecimento das mulheres. Merece recordar que temos leis que garantem o equilíbrio entre as pessoas, sufocando o fanatismo e a maldade. Seja como for, para implementar esses direitos, é importante anular o modo de vida do silêncio e do abuso.

Outro ponto a considerar seria o investimento de mulheres como base no desenvolvimento do procedimento registrado que vivemos. Obstáculos de preconceito levaram a uma percepção das mulheres como um sujeito dinâmico e crítico de todas as ordens sociais.

Para finalizar, podemos dizer que o filme nos encoraja a compreender que a conclusão do aprendizado do "outro", além de mim mesmo, pode influenciar nossa própria percepção do mundo. Nesse sentido, o filme espera que os observadores se decidam por uma escolha, induzindo-os a compreender, considerar e desconstruir a questão do preconceito e da selvageria contra as mulheres.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira. Ideologia e feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo . 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ALMEIDA, Suely de S. Essa Violência mal-dita. In: ALMEIDA, Suely de S. (Org.). *Violência de gênero e políticas públicas*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2007.

ARENDDT, Hannah. Da Violência. RJ. Vozes. 1994.

AUDRE LORDE. In: WIKIPEDIA, the free enciclopedia. Disponível em: <
https://pt.wikipedia.org/wiki/Audre_Lorde > Acesso em: 03/11/2018.

AURELIO, O mini dicionário da língua portuguesa. 4ª edição revista e ampliado do mini dicionário Aurélio. 7ª impressão – Rio de Janeiro, 2002.

BANDEIRA, L. M. ; ALMEIDA, Tânia Mara Campos de . Organização em Rede em Uma Perspectiva Feminista. Cadernos Agende, Brasília - DF, v. 5, n. DEZEMBRO, p. 99 - 122, 2005.

BATISTA, Vera Malaguti. Dífíceis ganhos fáceis – drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Revan, 2003, p. 134/135.

BEAUVOIR, S. O Segundo Sexo: 1. Fatos e Mitos. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira S.A., 1980. Terceira Edição.

BIERRENBACH, M. I. Sistema Penitenciário - A mulher presa. In: Revista do Ilanud, São Paulo, n.12, p. 71- 82, 1998.

BOURDIEU, P. Novas reflexões sobre a dominação masculina. In: LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. (Org.). Gênero e Saúde. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRUNO, F. A enunciação de si na Modernidade. In: NETO, A. F.; PINTO, M. J. O indivíduo e as mídias. Rio de Janeiro: Diadorim/Compós, 2004.

BURNS, R. (1979). The development of the Self Concept in Psychological Theory. New York: Longman.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 2. ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008

CASTELLS, Manuel. “O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação”. In: O Poder da entidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999. V. 3.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CHAUÍ, M. Ética e Violência. Teoria & Debate. São Paulo. (Fundação Perseu Abramo, São Paulo). 1998; 39: 32-41.

CHEVALIER, Jean. & GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. Trad. Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

CLARICE Lispector (...). In: Um Sopro de Vida: (Pulsações), 8a. ed. Editora Nova Fronteira, 1978, p. 66.

COLLINS, Patricia Hill. Fighting Words: Black Women and the Search for Justice. London: University of Minnesota Press, 1998.

COMTE-SPONVILLE, André. A correspondência. In: Bom dia, angústia! São Paulo: Martins Fontes, 1997.

COMTE-SPONVILLE, André. A ego-filosofia ou a solidão do pensamento: sobre uma tradição francesa em filosofia. In: Uma educação filosófica. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001, pp. 69-102.

CORSI, Éthore Conceição. Pena: origem, evolução, finalidade, aplicação no Brasil, sistemas prisionais e políticas públicas que melhorariam ou minimizariam a aplicação da pena. In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, XIX, n. 149, jun 2016. Disponível em: <http://ambito-juridico.com.br>

COSTA, Ana Aline A. “O Movimento Feminista no Brasil: Dinâmicas de uma Intervenção Política”. In: Labrys Estudos Feministas, jan/jul, 2005.

DA MATTA, R., 1982. As raízes da violência no Brasil: reflexões de um antropólogo social. In: *Violência Brasileira* (P. S. Pinheiro, org.), pp. 14-28, São Paulo: Brasiliense.

DEL PRIORE, Mary. (Org) História das mulheres no Brasil. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DEL PRIORE, M. Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia . 2. ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009.

DEL PRIORE, Mary. Histórias e Conversas de Mulher. São Paulo: Planeta do Brasil, 2013, 303 p.

PRIORE, Mary Del (Org.). História das crianças no Brasil. 7. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013

DINIZ, Maria Helena. O Estado Atual do Biodireito. São Paulo: Editora Saraiva, 2001.

DONZELOT, J. A Polícia das Famílias. Rio de Janeiro: Graal, 1986, 2ª ed.

ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Tradução de Leandro Konder. In: MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. Obras escolhidas, Volume 3. São Paulo: Alfa-Omega, s/d, p. 7-143.

ENIVALDA, Nunes Freitas e Souza <http://www.scielo.br/pdf/lh/v51n4/0101-3335-letas-51-04-0573.pdf>

EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
_____. Pedra, pau, espinho e grade. Cadernos Negros, 15: poemas. São Paulo: Quilombhoje 1992.

EVARISTO, Conceição. 2008. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala.

EVARISTO, Conceição. Insubmissas lágrimas de mulheres. Belo Horizonte. Nandyala. 2011

EVARISTO, Conceição. Natalina Soledad. In: _____. Insubmissas lágrimas de mulheres (contos). Belo Horizonte: Nandyala, 2011. p. 19-24.

FACHINI, Natal. O crepúsculo dos deuses e a transgressão de Prometeu. Petrópolis: Vozes 2001.

FARRELL, A. Policies for Incarcerated Mothers and their families in Australian orretions. In Australian and New Zealand Journal of Criminology . Queensland, Australia, n.31, p.101-117, 1998

FERNÁNDEZ, G. T. Mujer, Cárcel y Derechos Humanos. In: Capítulo Criminológico, Maracaibo, Venezuela, v.23, n.1, p.337-358, enero/junio,1995.

FERNÁNDEZ, G.T. (1995). “Mulheres, prisão e direitos humanos”.In: Capítulo Criminológica. Instituto de Criminologia Venezuela: Maracaibo: Ediciones Astro Dados , v. 23, n. 1, pp. 335-358, enero/junio.

FOUCAULT, Michel. Estratégia, poder-saber. MOTTA, Manoel Barros da.(org.) Tradução: Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. História da Sexualidade 1: A vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. – 1ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979/2008.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir– Nascimento da Prisão. Tradução de Ligia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1977. 275p.

FOUCAULT, Michel. 1963 – Prefácio à Transgressão. In Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Coleção Ditos & Escritos III. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009

GERSÃO, Teolinda. Os guarda-chuvas cintilantes. Lisboa: O Jornal, 1984.
_____. As águas livres: Cadernos II. Porto: Sextante, 2013.

GELAMO, RP. O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia? [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 178 p. ISBN 978-85-98605-95-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

GOFFMAN, E. Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. 158p.

GOFFMAN, E. Manicômios, Prisões e Conventos . Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1961. 315p.

GOFFMAN, Erving. As características das Instituições Totais & a carreira moral do doente mental. In: Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

GRAZIOSI, M. Infirmis sexus: la mujer en el imaginario penal. In: Nueva Doctrina Penal, Buenos Aires, p. 55-95, 1999

GUILHEM D, Diniz D, Zicker F. Pelas lentes do cinema- bioética e ética em pesquisa, Brasília: Letras Livres/ Ed UnB; 2007.

GUIMARÃES, C.F; (2006) Homens apenados e mulheres presas: estudo sobre mulheres de presos. Psicologia & Sociedade; 18 (3): 48-54.

GUZMÁN, Virgínia. “La equidad de género como tema de debate y de políticas públicas”. In: LARGO, Eliana. Género em el Estado –Estado del Género. Chile: Ediciones de las Mujeres n° 27, Isis Internacional, 1998.

HALL, S. Da diáspora: identidades de mediações culturais – Belo Horizonte: UFMG, 2002.

HALL, Stuart. Identidades culturais na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

HOOKS, B. Bell Hooks. In: FOSS, K. et al. Feminist rhetorical theories. London: Sage Publications, 1999.

In Steven Spielberg: Commercial success > *The Color Purple* (1985).

INACIO, Miriam de Oliveira. Violências contra mulheres e espera familiar : uma questão de gênero?. Presença Ética. Revista Anual do grupo de Estudos e Pesquisa sobre Ética -GEPE/Pós-Graduação em Serviço Social da UFPE. Recife/PE, Ano III, n 3, 2003

JULES Renard (1864-1910), escritor e dramaturgo francês.(Fonte: Caras, 8 de outubro de 2009 – EDIÇÃO 831 – Citações)

KANT, Immanuel. Crítica da razão pura. São Paulo: Martin Claret, 2009.

KLEIMAN, Ângela. Oficina da leitura: teoria e prática. Campinas, SP: Pontes, 1993.
_____, Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura. 11.ed. Campinas: Pontes, 2008.

Krueger. R. (1998). Focus group: a practical guide for applied re-search. California: Sage.

KOLKER, T. A Tortura e o Processo de Democratização Brasileiro . In: RAUTER, C; PASSOS, E., BENEVIDES, R. (Orgs.). Clínica e política: subjetividade e violação dos direitos humanos. Equipe Clínico-Grupal, Grupo Tortura Nunca Mais – RJ. Rio de Janeiro: Instituto Franco Basaglia, TeCora, 2002.

LAGARDE, Marcela. Los cautiveros de lãs mujeres: madre esposas, monjas, putas, presas y locas. México: Dirección General de Estudios De La posgrado da Universidad Nacional Autónoma, 1997, p. 642, 933

LAPASSADE, G. Grupos, organizações e instituições. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1989.

LIEBIG, Sueli Meira. A cor púrpura e Preciosa: histórias de rendição, rejeição e redenção. Tabuleiro de Letras, n. 4, jun de 2012. p. 1-19.

LIMA, Elça Mendonça de. Origens da Prisão Feminina do Rio de Janeiro. 1º edição. Rio de Janeiro. OAB/RJ, 1983. 108p.

LISPECTOR, Clarice . Água Viva. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LOPES, R (2007) Memórias de Pesquisa: a experiência de uma psicóloga no interior de uma prisão feminina. Imaginário - USP, vol. 13, no 14, 439-459

LOUIS, Marie-Victoire. Lettre à Danièle Kergoat – GEDISST [14/09/1999]. Site: <http://www.marievictoirelouis.net/document.php?id=354&themeid=336> [visitado em 10/12/2018]

MAPARYAN, Layli (Editor). The Womanist Idea. New York and Oxon: Routledge, 2012.

MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos . São Paulo: Abril

Cultural, 1974. (Os Pensadores).

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. Rio Grande do Sul, Ed. L&PM Pocket, 2001.

_____. A Ideologia Alemã. São Paulo, Ed. Martin Claret, 2008.

MATOS, Angélica Maria. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: a compreensão do professor do ensino fundamental I sobre as práticas pedagógicas. 2012.

MEIRELES, Cecília. Prisão. In: Darcy Mulheresceno (Org.). Poesias completas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1973. 8v.

MEIRELES, Cecília. Infância. In: Darcy Mulheresceno (Org.). Poesias completas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1974. 9v.

MICROFÍSICA do Poder. Organização e tradução Roberto Machado. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984. 295p.

MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, Mar. 2012 Disponível em . Acesso em: 30 Set. 2017.

MORAIS, José. A arte de ler. São Paulo: Editora da Unesp, 1996.

MORGA, Elenir. História de mulheres de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2001.

MORGADO, Rosana. Mulheres em situação de violência doméstica: limites e possibilidades de enfrentamento. In: BRANDÃO, Eduardo Ponte; GONÇALVES, Hebe Signorini. Psicologia Jurídica do Brasil. Rio de Janeiro: NAU Ed, 2004.

MORIN, E. "A ética do sujeito responsável". In: *Ética, solidariedade e complexidade*. São Paulo, Palas Athena, 1998.

NOGUEIRA, C. (2012) O gênero na Psicologia Social e as teorias feministas: dois caminhos entrecruzados. In: Portugal, F.T. e Jacó-Vilela, A.M. (orgs) Gênero, Psicologia, História. Faperj/Nau, pp. 43-68

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

O GLOBO. Pesquisa da UFRJ traça o drama da maternidade atrás das grades. 26/01/2019. Disponível <<https://oglobo.globo.com/rio/pesquisa-da-ufrj-traca-drama-da-maternidade-atras-das-grades-18123582>

PATEMAN, Carole. *O Contrato Sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PEDROSO, Regina Célia. Utopias penitenciárias projetos jurídicos e realidade carcerária no Brasil. *Revista de História*, São Paulo, n. 136, jul., 1997. Disponível em: .Acesso em: 11 set. 2018

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PIRES, V. L. Discurso e relações de gênero: resistência e construção de outros sentidos. In: XV Encontro Nacional da ANPOLL, 2002, Niterói, RJ. CD-ROM SÍNTESE 2. Porto Alegre, 2000.

POSSAS, Lidia M. V. Mulheres e viuvez: recuperando fragmentos, reconstruindo papéis. Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 Corpo, Violência e Poder, Florianópolis, 25-28 ago2008. Disponível em: <www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST7/Lidia_M_V_Possas_07.pdf

Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton: Princeton University Press. Acedido a 20 de Janeiro de 2019 e disponível em http://www.fetzer.org/sites/default/files/images/stories/pdf/selfmeasures/Self_Measures_for_Self-Esteem_ROSENBERG_SELF-ESTEEM.pdf

SAFIOTTI, H. (1999). *Gênero e patriarcado*. São Paulo: PUC-SP.

SAFFIOTI, H I.B. (2005) Gênero e Patriarcado: a necessidade da violência. In: CASTILLO-MARTÍN, Márcia e OLIVEIRA, Suelly de (orgs.). *Marcadas a Ferro: violência contra a mulher, uma visão multidisciplinar*. Brasília: SEPM, Pp. 35-76.

SARTRE, Jean-Paul. *A Idade da Razão. Os caminhos da liberdade*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986. Trad. Sérgio Milliet.

SARTRE Jean. *Todo humanismo é um existencialismo*. 2º, São Paulo, 1990, p.31-42.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica. *EDUCAÇÃO E REALIDADE*, Porto Alegre, 16(2): 5-22, jul/dez. 1990

SOARES, Vera. Movimento de mulheres e feminismo: evolução e novas tendências. IN: *Revista Estudos feministas*. Rio de Janeiro, 1994.

SILVA, Dora Ferreira da. *Poesia reunida*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

SMITH, Dinitia. 1982. "Celie, você uma árvore." "A revisão da cor roxa por Alice Andador. *Nation* 4 Sept. p181-183.

SOARES, Vera. Movimento de mulheres e feminismo: evolução e novas tendências. IN: *Revista Estudos feministas*. Rio de Janeiro, 1994.

SPINOZA, Baruch de. *Ética*. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

STREY, Marlene Neves. Violência de gênero: uma questão complexa e interminável. In:

STREY; Marlene N.; AZAMBUJA, Mariana P. Ruwer de; JAEGGER, Fernanda Pires (Orgs.). *Violência, gênero e políticas públicas*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2004.

Vaz Serra, A. (1986). A importância do auto-conceito. *Psiquiatria Clínica*, 7, 57-66

WALKER, A. *The color purple*. New York: Pocket Books, 1985. _____ *A cor ptirpura*. Sao Paulo: Marco Zero, [entre 1986 e 1989]. 7a edição.

WACQUANT, Loic : *As Prisões da Miséria*-2.ed.-Rio de Janeiro: Zahar,2011.

_____, Loic: *Punir os Pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos* - Rio de Janeiro: F. Bastos,2001, Revan,2003.

WALKER, Alice. *In Search of Our Mothers' Gardens*. New York: Harcourt Books, 1983.

_____. *Vivendo pela Palavra*. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1988a.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1964.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

TIBURI, Márcia. Feminismo em comum: para todas, todes e todos. 3a. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018, p. 81.

Touraine, Alain (1984), Crítica da Modernidade. Lisboa: Instituto Piaget.

ZOLIN, Lucia Osana. “Crítica feminista”. In: Teoria Literária. Bonnici , Thomas & Zolin, Lucia O (eds.). Maringá: Ed EUM, 2003.

<https://abracoaching.com.br/wp-content/uploads/2017/10/9-passos-libertacao-interior.pdf>

<https://www.acesa.com/educacao/arquivo/cogitacoes/2015/01/24-da-capacidade-de-transgredir/>

<http://blog.silvanahennicka.com.br/>

<https://brainly.com.br/tarefa/8654840>

<https://coachdec.com.br/liberdade-2/>

<http://www.desistirnunca.com.br/ignorancia-e-silencio/>

<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-da-saude/traumas-da-infancia-podem-estar-ligados-a-ansiedade-em-adultos/>

<http://www.revistacult.uol.com.br/home/colunistas/marcia-tiburi/2/>

https://www.maxpress.com.br/Conteudo/1,926119,Entreviste_a_autora_e_youtuber_Gabriela_Brandalise_em_Sao_Paulo,926119,1.htm

<http://www.memoriaesociedade.ibict.br/escrevivencias-na-c-i/>

<http://nominuto.com/tecendoofiodaspalavras/tecendo-palavras-tecendo-sonhos/11/>

http://obviousmag.org/algo_pensa_em_mim/2016/porque-a-maior-transgressao-e-ser-voce-mesmo.html/autor/JulianaSantin

www.pastoralcarceraria.org.br, acessado em 14.02.2019.

https://www.pensador.com/autor/roseli_de_oliveira_santana/

[https://www.pensador.com/transgressao/autor/Dante Locateli](https://www.pensador.com/transgressao/autor/Dante_Locateli)

<http://www.silvanahennicka.com.br/Textos+c81794>

<https://sociologica.com.br/2018/02/o-conceito-de-liberdade-segundo-filosofia/>

<https://www.ted.com/tedx/events/21134>.

<https://www.tomulherteria.com.br/feminismo-no-brasil/>

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:kHu2mE0vdXIJ:https://karinnebandeira.com.br/2018/03/30/cura-e-libertacao-interior-com-a-comunicacao-integrada-do-ser/&hl=pt-BR&gl=br&strip=1&vwsrc=0>

ANEXOS

ANEXOS 1

Prisão

Nesta cidade quatro mulheres estão no cárcere.

Apenas quatro.

Uma na cela que dá para o rio,
outra na cela que dá para o monte,
outra na cela que dá para a igreja
e a última na do cemitério ali embaixo.

Apenas quatro.

Quarenta mulheres noutra cidade,
quarenta, ao menos, estão no cárcere.

Dez voltadas para as espumas,
dez para a lua movediça,
dez para pedras sem resposta,
dez para espelhos enganosos.

Em celas de ar, de água, de vidro
estão presas quarenta mulheres,
quarenta ao menos, naquela cidade.

Quatrocentas mulheres,
quatrocentas, digo, estão presas:
cem por ódio, cem por amor,
cem por orgulho, cem por desprezo
em celas de ferro, em celas de fogo,
em celas sem ferro nem fogo,
somente de dor e silêncio,
quatrocentas mulheres, numa outra cidade,
quatrocentas, digo, estão presas.
Quatro mil mulheres, no cárcere,
e quatro milhões – e já nem sei a conta,
em lugares que ninguém sabe,
estão presas, estão para sempre –
sem janela e sem esperança,
umas voltadas para o presente,
outras para o passado, e as outras
para o futuro, e o resto – o resto,
sem futuro, passado ou presente,
presas em prisão giratória,
presas em delírio, na sombra,
presas por outros e por si mesmas,
tão presas que ninguém as solta,
e nem o rubro galo do sol
nem a andorinha azul da lua
podem levar qualquer recado
à prisão por onde as mulheres
se convertem em sal e muro.

1956

(Meireles, 2001, v.2, p.1759-60)